

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

BÁRBARA FROTA ARRAES

FOLIA EM ORDEM: UMA ANÁLISE DO CARNAVAL DE RUA
CONTEMPORÂNEO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

NITERÓI

2013

BÁRBARA FROTA ARRAES

FOLIA EM ORDEM: UMA ANÁLISE DO CARNAVAL DE RUA
CONTEMPORÂNEO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof. Mestre MARIA TERESA MATTOS DE MORAES

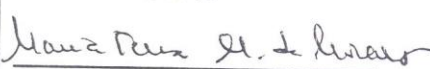
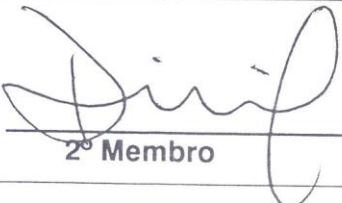
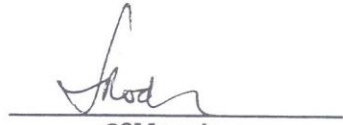
Niterói
2013



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: BÁRBARA FROTA ARRAES	Matrícula: 107.33.002
Título do Trabalho: FOLIA EM ORDEM; UMA ANÁLISE DO CARNAVAL DE RUA DO RIO DE JANEIRO	
Orientador: Me. Maria Teresa Mattos de Moraes	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação : 12.08.2013

BANCA EXAMINADORA	
1º Membro (Presidente)	Me. Maria Teresa Mattos de Moraes
2º Membro:	Me. André Diniz
3º Membro:	Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues

AValiação:		
Análise / Comentário		
<p>A banca destaca a relevância RELEVÂNCIA DO TEMA E A QUALIDADE DAS SISTEMATIZAÇÕES, ASSIM COMO AS FONTES PRODUZIDAS PARA A MONOGRAFIA. RESSALTOU-SE A ESTRUTURAÇÃO E CLAREZA DO TRABALHO E A CONTRIBUIÇÃO QUE A PESQUISA TRAZ PARA TEMA TÃO POUCO TRABALHADO.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora)		
10. (dez)		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

BÁRBARA FROTA ARRAES

FOLIA EM ORDEM: UMA ANÁLISE DO CARNAVAL DE RUA
CONTEMPORÂNEO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestre MARIA TERESA MATTOS DE MORAES
Universidade Federal Fluminense

Prof. Doutor LUIZ AUGUSTO RODRIGUES
Universidade Federal Fluminense

Mestre ANDRÉ DINIZ
Fundação de Arte de Niterói

Niterói
2013

AGRADECIMENTOS

À minha família: Rosane, Jota e Kadu, obrigada por estarem sempre aqui, cada um do seu jeitinho.

Ao Raoni, com todo meu amor e alegria.

Às amigas tão queridas: Marcela Rocha, Ana Carolina Clemente e Teresa Santos.

À equipe do Anima Mundi pelo apoio e força.

Ao Colégio Rio de Janeiro, pelos amigos e ensinamentos que levo comigo.

À querida Tetê Mattos, por todo aprendizado, incentivo e compreensão.

Ao professor Luiz Augusto Rodrigues, sempre tão atencioso.

Ao André Diniz, pela honra de tê-lo em minha banca e também em minha bibliografia.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

E a todos que, certamente, comemorarão esta nova conquista comigo. Muito obrigada!

“Eu amo a rua. [...] Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.”

João do Rio

SUMÁRIO

Introdução – Ó Abre Alas _____	8
I – O início da folia carioca _____	12
1.1 – Veja só que bom que era _____	13
1.1.1 – As músicas _____	18
1.1.1.1 – Da marchinha ao samba-enredo _____	18
1.1.2 – As fantasias _____	19
1.2 – “Pequeno Carnaval” X “Grande Carnaval” _____	20
1.3 – Os primeiros blocos _____	21
1.4 – “Samba agoniza, mas não morre” _____	22
II – A lógica cultural da retomada do carnaval de rua carioca _____	25
2.1 – Revitalização contextualizada _____	27
III – O carnaval e a organização urbana _____	46
3.1 – As organizações dos blocos de rua cariocas _____	52
3.2 – As associações de blocos _____	54
3.2.1 – Sebastiana _____	55
3.2.2 – Folia Carioca _____	56
3.2.3 – Liga dos Amigos do Zé Pereira _____	58
3.3 – O crescimento do carnaval _____	59
Conclusão – Desenrolando a Serpentina _____	60
Referências Bibliográficas _____	62
Apêndice I- Entrevista com Leonardo Campos, da <i>Orquestra Voadora</i> _____	66
Apêndice II - Entrevista com Mônica Leme, do bloco <i>Mulheres de Chico</i> _____	70
Apêndice III - Entrevista com Teresa Guilhon, do bloco <i>Escravos da Mauá</i> _____	74
Apêndice IV - Entrevista com Dodô Brandão, do bloco <i>Simpatia é Quase Amor</i> _____	77
Anexo I - Decreto 32664 _____	80
Anexo II - Portaria Nº 112 _____	83
Anexo III - Decreto 37182 _____	84

INTRODUÇÃO

“Ó Abre Alas”¹

A escolha do tema dos blocos de carnaval cariocas se deu, antes de mais nada, por uma motivação pessoal. Carnaval é, de fato, uma das minhas grandes paixões. Minha festa preferida! Além disso, o carnaval de rua está cada vez mais interagindo com a lógica da cidade do Rio de Janeiro que se apresenta como a capital dos megaeventos.

Fruto do inconsciente coletivo, a festa do carnaval não tem uma origem precisa. Pela semelhança dos atos, festejos e aspectos cômicos que a ela se associam, muitos estudiosos situam estas origens nos ritos agrários pagãos da Antiguidade. Muito provavelmente, guarda relação com tais festas, que ocorriam em honra dos deuses gregos, romanos e egípcios. O carnaval foi sendo transmitido oralmente através dos séculos.

Para exaltar seus deuses e celebrar as fartas colheitas da primavera, diferentes povos europeus promoviam festejos que se estendiam por vários dias, caracterizados pela ironia e exaltação do grotesco, pela fartura gastronômica, permissividade sexual e pela inversão social. O caráter transgressor, portanto, esteve sempre presente.

A Igreja Católica, que durante algum tempo tentou, sem sucesso, reprimir festas populares, aos poucos começa a tolerar e, até mesmo, estimular tais festejos². O povo

¹ Título retirado da marcha-rancho composta em 1899 por Chiquinha Gonzaga.

passa, então, a desfrutar, de forma controlada e institucionalizada, de momentos mais livres e informais no período que antecedia a Quaresma, período de quarenta dias que antecede a Páscoa, festa cristã que marca a ressurreição de Jesus.

Se, por um lado, a Igreja Católica, no início da Era Cristã, punia e condenava severamente o Carnaval, por outro, suportou-o com certa tolerância, já que a fixação do período carnavalesco gira em torno de datas predeterminadas pelo próprio catolicismo. Tudo indica que foi nesse período que se deu a anexação ao calendário religioso. Seria, assim, uma festa de características pagãs que terminaria na dor e penitência da quarta-feira de Cinzas.

Em 590 d.C., incorporam-se estas festas populares ao Calendário Eclesiástico. É quando teria surgido, inclusive, o nome definitivo da grande festa carnavalesca. A etimologia da palavra também estaria conectada à igreja. Enquanto uns consideram que a palavra teria vindo da matriz *carnelevamen*, “o prazer da carne”, referindo-se ao período carnavalesco anterior à quarta-feira de cinzas, outros acham que o termo poderia significar o “adeus à carne”, numa alusão com a terça-feira gorda, último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne. Há ainda quem creia que a palavra carnaval teria vindo da combinação *carrus navalis*, sugerindo a permanência da festa Dionisiaca³. Ou seja, a origem de seu nome também é polêmica.

No Brasil, país considerado festivo, a importância do Carnaval faz parte da identidade do povo brasileiro. E o Rio de Janeiro, que já foi capital do país e até hoje é uma de suas principais cidades, é o mais característico nesta identidade carnavalesca. A festa do Carnaval no Rio de Janeiro, que nas últimas décadas ganhou grandes proporções com os desfiles das Escolas do Sambódromo, agora passa a apresentar essas mesmas proporções também no carnaval de rua.

Tendo os blocos de carnaval da Zona Sul e Centro do Rio de Janeiro como objeto, buscamos responder às seguintes questões ao longo dos capítulos: por quê e como se dá a retomada do carnaval de rua na cidade? Qual é a conjuntura desta retomada? Quais características os blocos apresentam? Eles incorporam elementos de uma identidade cultural? Como os blocos se relacionam com a cidade do Rio de Janeiro? E como a cidade dá conta deste fenômeno cultural?

² Um caso curioso na história do carnaval é a presença de Papa Paulo II (foi Papa entre 30 de agosto de 1464 até a data de sua morte, em 26 de julho de 1471); durante o exercício de sua função, era concedida permissão de realização de comemorações na Via Lata, uma das principais avenidas de Roma. O objetivo era ele mesmo assistir as corridas de cavalos, velas, corcundas e os principais atrativos romanos na época.

³ De origem pagã, o carnaval pode ter tido origem nas danças em homenagem ao deus Pã (Lupercalis) e Baco (Bacanaís). Dioniso é o nome de Baco na Mitologia Grega.

O fenômeno de retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro é algo que, a cada ano que passa, fica mais fácil de ser notado. E os números dos últimos anos comprovam isso: 269 blocos no ano de 2009, 465 em 2010 e também em 2011 e, no último ano, 424 blocos atraíram mais de cinco milhões de foliões⁴. Os 492 blocos de 2013, por sua vez, levaram seis milhões de foliões às ruas⁵. Portanto, escolhi os blocos da Zona Sul e do Centro do Rio pois considero que sejam eles os mais significativos neste momento da chamada revitalização do carnaval carioca.

É importante destacar também que este movimento de retomada dos blocos de rua não se processa com a mesma intensidade em toda a cidade. Tanto a grande mídia quanto as instituições oficiais, priorizam os blocos da Zona Sul, o que, em outras palavras, significa estimular apenas o consumo da classe média, da elite cultural. Em contrapartida, há certo desprezo pelo blocos da Zona Norte que, por sinal, sempre se mantiveram em atividade.

A palavra *cultura* é um dos termos mais complexos e de difícil conceituação, pois suscita muitas interpretações, e onde diversos significados foram sendo construídos e desconstruídos ao longo da história. Não propomos aqui discutir as várias acepções do termo, mas sentimos a necessidade de apontar algumas premissas que nortearam o nosso trabalho e que serão fundamentais para a análise do nosso objeto, os blocos de rua do Rio de Janeiro. A primeira delas diz respeito ao caráter dinâmico e flutuante das culturas e das identidades, o que se relaciona com as transformações que a festa sofreu ao longo dos anos.

A segunda premissa é a de que as culturas são híbridas, isto é, não existem culturas puras, distintas e permanentes. Essa premissa ajuda na análise da questão da tradição, auxiliará na compreensão de tentar entender os diversos posicionamentos e debates. E por fim, a ideia de que não existem valores absolutos em cultura, pois os processos são relativos e relacionais. Por exemplo, o samba, que já foi reprimido pela polícia em seus primórdios, há muitas décadas é considerado elemento da nossa identidade cultural.

O historiador Stuart Hall, em “Notas para a desconstrução do popular”, problematiza os conceitos de cultura popular, de tradição e de autenticidade, conceitos que discutiremos em nosso trabalho. Para Hall, “...são as relações que colocam a

⁴ Números oficiais que constam no site da Riotur: www.rioguiaoficial.com.br.

⁵ De 583 inscritos, 492 blocos foram aprovados, segundo matéria publicada em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2013/noticia/2013/01/prefeitura-divulga-lista-com-os-horarios-dos-blocos-de-rua-do-rio.html>

“cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, de influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma concepção de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural”. (HALL, 2003, p.257).

Como metodologia utilizamos como fonte para a pesquisa as matérias veiculadas na mídia impressa e eletrônica publicadas especialmente nos meses de proximidade do carnaval. A consulta aos sites dos blocos também foram de fundamental importância, assim como a consulta a documentos oficiais, como decretos e portarias. A observação em campo me deu a perspectiva dos foliões presentes nos blocos, o que ajuda a complexificar a questão.

Um outro instrumento utilizado para a coleta de informações foram as entrevistas, onde elaboramos um questionário que foi enviado para alguns integrantes dos blocos através de e-mail. O questionário pode ser dividido em dois eixos principais: o primeiro eixo dá conta de temas específicos de cada bloco, enquanto o segundo eixo trata de questões que abrangem o carnaval enquanto evento inserido dentro de uma lógica urbana.

Estruturamos a monografia a partir de três capítulos que foram organizados da seguinte maneira: no primeiro, traçamos um breve panorama do carnaval de rua carioca, desde os seus primórdios. Com a contextualização histórica e as referências às origens das manifestações carnavalescas do Rio de Janeiro, temos o intuito de auxiliar na melhor compreensão dos rumos que a festa tomou, a partir de todas as influências que sofreu.

O segundo capítulo trata dos blocos de rua contemporâneos. Nele, abordaremos o contexto cultural na contemporaneidade e faremos uma categorização dos blocos, para entender o fenômeno da retomada (cujos três momentos também são analisados) com mais profundidade.

No terceiro capítulo buscamos apresentar os problemas que o crescimento do carnaval de rua trouxe para a cidade, e as medidas e estratégias adotadas tanto pelo poder público, quanto pelos blocos, em relação a este crescimento. Procuramos refletir de que maneira esta revitalização do carnaval de rua reflete na ordem da cidade.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para esta importante festa que é o carnaval de rua do Rio de Janeiro, e provocar a reflexão ao levantar questões sobre o atual momento que estamos vivendo.

CAPÍTULO I

O Início da Folia Carioca

A origem do carnaval brasileiro é totalmente europeia, uma vez que a comemoração carnavalesca data do início da colonização. Acaba sendo, então, uma herança do entrudo português e das mascaradas (inspiradas na Commedia dell'Arte) italianas. Somente muitos anos mais tarde, no início do século XX, foram acrescentados os elementos africanos, que contribuíram de forma definitiva para o seu desenvolvimento e originalidade.

Capital do Brasil de 1793 a 1960, a cidade do Rio de Janeiro acompanhou todas as transformações político-administrativas do Brasil. Foi, então, o principal palco dos empreendimentos culturais, científicos e políticos, principalmente do final do século XIX a meados do século XX. Vitrine cultural do país, congregou manifestações populares de origens diversas.

Diante disto, uma cultura popular urbana carioca configurou-se através da relação, mediação e compartilhamento de um conjunto heterogêneo de valores e estilos de vida que teve, na festa carnavalesca, importante ponto de referência. O carnaval tornou-se, já aí, a principal marca registrada desta cidade.

Foi nas ruas que o carnaval carioca se criou. Embora o espírito carnavalesco seja o da inversão de papéis e de diluição da hierarquização social, suas formações populares acabaram por conectar-se à formação de uma cidade moderna, indicando amplos vínculos sociais com os valores de urbanidade e moralidade social que se estenderiam por todo o país.

O antropólogo Roberto da Matta, em *Carnavais, Malandros e Heróis*, obra de referência sobre o carnaval analisa aspectos da cultura brasileira onde afirma:

“[...] temos no Brasil carnavais e hierarquias, igualdades e aristocracias, com a cordialidade do encontro cheio de sorrisos cedendo lugar, no momento seguinte, à terrível violência dos antipáticos ‘sabe com quem está falando?’ E também temos samba, cachaça, praia e futebol, mas de permeio com ‘democracia relativa’ e ‘capitalismo à brasileira’ um sistema onde só os trabalhadores correm os riscos, embora, como se sabe, não tenham lucro algum.” (DaMATTa, 1997, p. 16)

Apesar do texto do qual tirei a citação acima ter sido publicado em 1979, e da lá para cá ocorrerem várias transformações na festa do carnaval, podemos observar que a popularidade da festa sempre teve relevância em nossa sociedade. O aspecto lúdico do carnaval de rua enfatiza essa questão da inversão de papéis por conta das fantasias, que fazem os foliões assumirem diversas identidades, livres de certos escrúpulos.

1.1 - “Veja só que bom que era”⁶

Desde meados do século XIX, pessoas se reuniam nas ruas do Rio de Janeiro para comemorar o Carnaval que, aqui no Brasil, teve origem no entrudo português, por conta da colonização. Mas havia outras formações diferenciadas: desfiles de blocos e sociedades carnavalescas, corsos, clubes, ranchos ou cordões. Escolas de samba só surgiriam a partir do final da década de 1920⁷.

Figura carnavalesca prestigiada por clubes, blocos e cordões, os **zé-pereiras** foram os precursores do uso de instrumentos como zabumba e tambor, presentes até hoje. Esse mito remonta a 1846, quando um português chamado Zé Nogueira, passou a ser chamado de Zé Pereira ao liderar vários de seus conterrâneos que saíam pelas ruas

⁶ Verso da marchinha “Aurora”, composta por Mário Lago e Roberto Roberti no início da década de 1940.

⁷ Fundada em agosto de 1928, a Deixa Falar é a primeira escola de samba do Brasil. O pesquisador da MPB Sérgio Cabral afirma que quem inventou o desfile foi o jornalista Mário Filho. Em 1932, através do jornal *Mundo Esportivo*, ele teria promovido, na Praça Onze, o que se convencionou chamar de primeiro desfile das escolas de samba. Dezenove agremiações participaram deste evento. Entre as cinco primeiras estavam Mangueira, Vai Como Pode (atual Portela), Linha do Estácio, Para o Ano Sai Melhor e Unidos da Tijuca. Após passar também pelas Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, é projetado, em 1980 por Oscar Niemeyer, o Sambódromo (casa própria do espetáculo do carnaval contemporâneo e globalizado).

cantando o seguinte estribilho: “Viva o zé-pereira / que a ninguém faz mal / E viva a bebedeira / nos dias de carnaval”.

Cucumbis eram grupos de negros presentes em festas públicas do Brasil desde o início do século XIX. Na segunda metade deste século, torna-se especificamente carnavalesco. Desenvolviam seu enredo a partir de um cortejo com elementos característicos da África: príncipes e princesas, feiticeiros, rei do Congo,... A encenação acontecia ao som de cantos, a maioria entoada em línguas africanas. As últimas referências sobre a presença dessas figuras nos carnavais do Rio seriam de 1891.

Já o **entrudo**, conjunto de brincadeiras e folguedos que contavam com a participação de classes sociais opostas como jovens e adultos, escravos e senhores, foi, durante muito tempo, visto como próprio sinônimo do carnaval em si. Muitos visitantes estrangeiros reclamavam da bagunça e confusão geradas por ele, tendo em vista que a brincadeira consistia numa aglomeração onde as pessoas se espreitavam pelas vielas com seus baldes cheios de água (e outros líquidos) para molhar o primeiro desavisado que passasse. No tocante à música, tudo era muito precário: o entrudo não possuía um ritmo ou melodia que o simbolizasse. Apenas a partir da primeira metade do século XIX, com a chegada dos bailes de máscaras nos moldes europeus, foi que se pôde notar um desenvolvimento musical mais sofisticado.

Segundo Felipe Ferreira, professor e coordenador do Centro de Referência do Carnaval, da UERJ:

“Apesar de controladas e punidas, quando possível, estas brincadeiras acabavam por incomodar a alguns membros da elite que incentivavam uma campanha contra o ‘fatídico entrudo’, acusado de agressivo, selvagem e insalubre. A população carioca, entretanto, não dava bola para as proibições e continuava a se divertir nas ruas não somente com as famosas “molhaças entrudísticas”, mas também em arremedos de blocos reunindo quem passasse em torno de um bater de latas ou tambores, conhecidos como Zé pereiras, ou nos desfiles dos cucumbis negros e seus batuques ‘selvagens’”. (FERREIRA, Felipe. **Do Jeitinho Carioca**. In: www.bafafa.com.br)

A chegada da Família Real à cidade, no início do século XIX, motivou diversas transformações urbanas e sociais nos moldes das principais nações europeias, em particular a França. Assim, na elegância dos salões que abrigavam os grandes bailes de máscaras, à moda da burguesia parisiense, a nova elite carioca passou a ditar um modo diferente de brincar o carnaval, que seria muito mais “civilizada” que o entrudo popular.

De fato, os **bailes carnavalescos**, nas décadas seguintes, tornaram-se ícones da festa carioca, com destaque para os bailes dos clubes, animados pelo ritmo consagrado das marchinhas, e para o Grande Baile de Gala do Theatro Municipal, com seus famosos concursos de fantasia. No entanto, a voga dos bailes carnavalescos em casas de espetáculos só se generalizou na década de 1870.

O primeiro baile de máscaras de que se tem notícia no Brasil foi realizado no Hotel Itália (largo do Rócio, próximo à Praça Tiradentes, Centro do Rio de Janeiro) em 1840, por iniciativa dos próprios proprietários italianos, empolgados pelo sucesso dos grandes bailes de máscaras da Europa. A repercussão foi tamanha que muitos outros se seguiram a este, marcando, também através do carnaval, as diferenças sociais que atingiam a sociedade brasileira: de um lado, a festa de rua, ao ar livre e popular; do outro, o carnaval de salão que agradava sobretudo à classe média emergente no país.

Dos salões, os bailes transferiram-se aos teatros, animados principalmente pelo ritmo da polca - primeiro gênero a ser adotado como música carnavalesca no Brasil. Até então, esses ritmos eram executados apenas em versão instrumental. Somente por volta de 1880 os bailes passaram a incluir a versão cantada, entoada pelos coros.

Devido a condenação da ala “cultura” da sociedade, para usar classificação usada pelo historiador e pesquisador André Diniz (DINIZ, 2006, p. 96), o entrudo, além de ceder espaço aos bailes, foi desbancado pelos **préstitos** (desfiles das grandes sociedades carnavalescas). Outra formação elitizada e de influência europeia, estas **sociedades carnavalescas** constituíram uma das primeiras formas de organização do carnaval. Liderada por José de Alencar, surge, em 1854, a Sumidades Carnavalescas⁸, a primeira destas grandes sociedades. José do Patrocínio, referência na luta abolicionista, era folião do Tenentes do Diabo⁹. Além de participarem ativamente da vida da sociedade ao longo do ano, influenciando em questões políticas e desenvolvendo atividades filantrópicas, marcavam presença no carnaval através de desfiles luxuosos. Tais desfiles eram o esplendor de clubes como o Democráticos, cuja sede, localizada no bairro da Lapa, ainda hoje tem forte relação com o samba e a boemia.

⁸ Chamado de Congresso das Sumidades Carnavalescas, na grafia da época, foi o que abriu caminho para o surgimento de outras sociedades.

⁹ Tema de música de Noel Rosa, esta sociedade carnavalesca foi inaugurada em 1905 por militares do exército.

Apesar do estrondoso sucesso dos bailes de salão, foi na esfera popular que o carnaval adquiriu formas genuinamente autênticas e brasileiras. Com a constante repressão ao entrudo, o povo viu-se obrigado a disciplinar as brincadeiras de rua, passando a utilizar a organização das procissões religiosas para a comemoração do carnaval: apareciam então os blocos e cordões, grupos que originariam mais tarde as escolas de samba.

Na primeira metade do século XIX, desfilavam também pelas ruas do Rio, especialmente nas áreas periféricas do Centro, como Praça Onze e região portuária, os **cordões carnavalescos**. Esse termo era genericamente utilizado para denominar os agrupamentos de negros que brincavam o carnaval inspirados nas festas e procissões religiosas da África. Os grupos de mascarados eram conduzidos por um mestre e obedeciam a seu apito de comando. Grupos populares vindos dos subúrbios, eram, portanto, considerados mais primitivos e violentos. Trouxeram como novidade as fantasias e a música, baseada primordialmente em instrumentos percussivos.

O primeiro cordão surgiu em 1885 e denominava-se Flor de São Lourenço. Depois deste, outros ocuparam as ruas e assim sucessivamente, atingindo o auge de sua popularidade nos primeiros anos do século XX.

Em finais do século XIX, assistimos ao surgimento de mais uma manifestação popular de rua – os **ranchos**. Para a doutora em Ciências Humanas, Renata Gonçalves, os ranchos tinham a participação de grupos de “operários, pequenos funcionários, donos de armazéns ou lojas, assalariados enfim”. Eram considerados mais agradáveis e bem comportados, uma vez que seus componentes não se confundiam com “a ‘massa subempregada’ que habitava as favelas do Rio de Janeiro” (GONÇALVES, 2007, p.62). Essas manifestações já eram bastante organizadas e contavam com uma presença feminina maior do que era comum. Também tinham como característica um instrumental mais sofisticado. De acordo com André Diniz: “De origem popular, os ranchos sofreram influência da cultura nordestina, incorporando características das procissões religiosas de origem negra e de manifestações folclóricas típicas do Dia de Reis” (DINIZ, 2006, p. 93). Sobreviveram até os anos 1970 (o primeiro, Flor de São Lourenço, surge precisamente em 1885). Com o aval de autoridades e a aceitação da burguesia, eles não demoraram a se espalhar pela cidade, tendo grande sucesso nas décadas de 1920 e 1930. Foram os primeiros populares a obter o direito, já em 1910, de desfilar na Avenida Central.

Com as reformas urbanas no início do século XX, quando acontece a abertura da Avenida Central¹⁰, o carnaval da burguesia carioca passa a contar com um cenário mais apropriado. Com isso, os grupos de foliões fantasiados migram dos salões para as ruas ricamente ornamentadas, passeando e brincando de forma segura e organizada.

O alargamento das vias públicas possibilitou ainda o surgimento dos **corsos**, que consistiam em desfiles de modernos carros abertos transportando foliões elegantemente fantasiados, que, ao cruzarem com os automóveis que desfilavam em direção oposta, travavam batalhas de confete, serpentina e lança-perfume.

Há quem afirme que o curso desapareceu com a modernização dos automóveis, quando os veículos de capota alta foram substituídos pelos de linha mais simples. É bem provável que a popularização dos automóveis tenha de fato afastado os foliões das classes alta e média. Na verdade, muitos foram os motivos para o desaparecimento do curso: a dificuldade do tráfego, que já em 1925 amedrontava os foliões, o alto custo da gasolina e a descentralização do carnaval fizeram com que a população fosse buscar outros tipos de manifestação para poder comemorar os festejos de Momo.

Os banhos de mar à fantasia criaram hábito no intervalo entre a primeira e a segunda Guerra Mundial. Os foliões trajavam fantasias de papel crepom e, após desfilarem nas praias, caíam na água, tingindo-a por horas, pois as fantasias de papel desbotavam fortemente.

Essas formas de brincar o carnaval eram independentes entre si. Cada uma teve sua duração determinada pela aceitação social, não havendo uma evolução natural entre uma e outra, portanto. Hoje ainda existem formações como o Rancho Flor do Sereno, mas este, devido ao novo contexto, guarda muitas diferenças com os ranchos do período de sua origem. Hoje, “rancho” e “cordão”, por exemplo, não são mais adjetivos. São substantivos apenas. Manifestações carnavalescas na rua, por mais diferenciadas que possam ser entre si, são consideradas **blocos**.

¹⁰ A Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, teve suas obras iniciadas em 1904. É a principal marca da reforma urbana realizada na gestão do prefeito Pereira Passos.

1.1.1 – As Músicas

O primeiro carnaval brasileiro, segundo os historiadores, aconteceu em 1641 no Rio de Janeiro. O governador do Rio de Janeiro, Salvador Correa de Sá Benevides, determinou que se dedicasse uma semana de festa para homenagear a coroação de D. João IV. No início, o carnaval era animado com canções portuguesas, como as quadrilhas. Depois, vieram a polca e os ritmos do carnaval italiano. Só em 1870 é que surgiu uma música tipicamente brasileira, o maxixe. Durante o império, outras músicas cantadas no período carnavalesco eram árias de operetas, lundus, tanguinhos, polcas e até valsas.

No início do século XX, predominaram, nas ruas, as cantigas de cordões e ranchos e, nos bailes, chorinhos lentos, polcas-chulas, marchas, fados, polcas-tangos, toadas e canções. Logo após a Primeira Guerra Mundial, os palcos dos teatros-de-revista tornaram-se os lançadores das músicas de carnaval e iniciou-se, então, o domínio das marchinhas e do samba. O cinema também foi de extrema relevância para a difusão destas músicas. A Atlântida Cinematográfica, produtora de cinema situada no Rio de Janeiro que esteve em atividade entre as décadas de 1940 e 1960, inovou ao adotar temas carnavalescos em seus musicais.

O samba, nos salões e na rua, era absoluto. Mas desde fins do decênio de 1960, com a consolidação do desfile das escolas de samba, o samba e a marcha mergulharam no ostracismo, trocados pelo samba-enredo das escolas de samba.

1.2.1.1 – Da Marchinha e Samba-enredo

As marchinhas viveram seu auge de 1920 a 1960. Tem como características principais “o compasso binário da marcha militar, andamento acelerado, melodias simples e comunicativas, com letras cheias de picardia” (DINIZ, 2006, p. 93). Com acento no tempo forte (primeiro tempo), eram inicialmente mais lentas para que seus dançarinos marchassem em seu ritmo. Com o passar do tempo, tiveram seu andamento acelerado por influência das "Jazz Bands"; daí serem conhecidas também como marchinhas.

Encaixam-se perfeitamente na imagem que o povo carioca, desde essa época, tem consolidado: a de malandro extrovertido e jocoso. São uma evolução das polcas do final do século XIX, que também tinham certa marca irônica.

“Ó abre alas”, composta por Chiquinha Gonzaga em 1899 é considerada a primeira do gênero. Foi escrita para o Cordão Rosa de Ouro, citado na música. Como crônicas musicais, satirizavam e enalteciam os costumes cariocas.

Foram muitos os compositores e músicos que se consagraram através de marchas de carnaval: Sinhô, João de Barro, Noel Rosa, Haroldo Lobo, Braguinha e diversos outros. Mas considera-se que Lamartine Babo tenha sido o seu principal compositor. Em letras como “Linda Morena” e “O Teu Cabelo Não Nega”, predominam o humor refinado e a irreverência.

Na década de 1960, devido ao contexto político repressor da Ditadura Militar e também a ascensão do samba nos bailes e ruas, as marchinhas começam a perder lugar para o samba-enredo que, nos anos de 1970, conquista a indústria fonográfica e passa a ser consumido no Brasil inteiro. João Roberto Kelly é um dos últimos grandes compositores de marcha de carnaval. O contexto político, vivido até os anos 1980, também acaba por limitar as ações dos blocos de rua.

Em fins da década de 1990, o samba-enredo perde o espaço conquistado nas últimas décadas dentro do mercado fonográfico. Ainda assim, o prestígio das escolas de samba não se abalou e, se não sensibilizou o mercado do disco, acabou atraindo outro meio de comunicação: a televisão.

Com a chegada da transmissão em cores, no início dos anos 70, o carnaval passou a ser encarado como um espetáculo, e com isso as escolas de samba obtiveram amplo destaque na mídia eletrônica. Para os organizadores, o "show" rendia (e rende) tanto através da venda dos ingressos quanto das transmissões televisivas. Como declarou Luís da Câmara Cascudo, etnólogo, musicólogo e folclorista, "o carnaval de hoje é de desfile, carnaval assistido, paga-se para ver. O carnaval, digamos, de 1922 era compartilhado, dançado, pulado, gritado, catucado. Agora não é mais assim, é para ser visto".

Hoje, assim como já ocorria antes dos anos 1930, “se canta de tudo durante o carnaval” (DINIZ, 2006, p. 94).

1.2 – As Fantasias

O uso de fantasias e máscaras teve, em todo o Brasil, grande sucesso (principalmente no período que vai de 1870 até início do decênio de 1950). Começou a declinar depois de 1930, quando encareceram os materiais para confeccionar as fantasias, como tecidos e ornamentos. As fantasias foram aos poucos sendo reduzidas ao mais sumário possível, em nome da liberdade de movimentos e do período mais quente do ano.

Com isso, foram desaparecendo os disfarces mais famosos do tempo do Império e início da República, assim como fantasias clássicas da Commedia dell'Arte italiana (pierrô, arlequim, colombina). Contribui para isto a proibição de uso de máscaras nos salões e nas ruas, feita pela polícia. Aliás, desde 1685 as máscaras ora eram proibidas, ora liberadas. Tal proibição tinha, já no século XVII, penas rigorosíssimas: um proclama do governador Duarte Teixeira Chaves mandava que negros e mulatos mascarados fossem chicoteados em praça pública, e brancos mascarados fossem degredados para a Colônia do Sacramento.

Mas, apesar de tudo, muitas daquelas fantasias ainda eram utilizadas, inclusive com máscaras.

1.2 - “Pequeno Carnaval” X “Grande Carnaval”

A diferenciação entre “Pequeno Carnaval” e “Grande Carnaval” começou a se estabelecer no final do século XIX. Mas é na década de 1930, que a imprensa e a Prefeitura do Rio cunharam tal distinção.

Segundo a socióloga Maria Isaura Pereira Queiroz, a divisão da festa carnavalesca em dois “carnavais” aconteceu devido à ascensão dos grupos populares no Rio de Janeiro. A partir deste momento, destacava-se a afirmação da festa carioca como modelo para o carnaval de outras cidades brasileiras.

Com a noção de “Pequeno Carnaval” contemplava-se o carnaval do início do século XX, no qual as camadas mais baixas da população se manifestavam através de cordões, ranchos, blocos e, posteriormente, escolas de samba. Tais manifestações eram contrapostas ao “Grande Carnaval” iniciado na segunda metade do século XIX e representado pelos grandes clubes e sociedades carnavalescas.

O que diferenciava um carnaval do outro não eram as características próprias a cada forma de brincadeiras, mas, basicamente, quem delas participava.

A estruturação do carnaval carioca – processo este que se estende até os dias de hoje – foi se desenvolvendo a partir das articulações entre camadas sociais diversas. À elite, interessava manter-se no comando e, por conseguinte, determinar o que era “grande” ou “pequeno” na festa carnavalesca. O povo, por sua vez, tinha interesse em ver suas manifestações reconhecidas e divulgadas na imprensa.

Foi com o modelo do carnaval parisiense na cabeça que se formularam os projetos burgueses de ocupação festiva das ruas. Dispostos a impressionar pela organização e ostentação, os partidários do chamado “Grande Carnaval” fundam a grande centralidade carnavalesca. Ora, a brincadeira do entrudo realizou-se sempre em todo lugar e, portanto, “em lugar nenhum”.

Como relata o pesquisador Rodrigo Linhares:

“o entrudo nunca se realizou de modo centralizado, mobilizando um grande volume pessoas, coisas e técnicas. Este não era o caso dos desfiles burgueses: já em seu planejamento era fundamental que se pensasse em um percurso que pudesse gerar grande reverberação pela cidade, que pudesse ecoar, chamar à reunião, concentrar ao seu redor, ser ele mesmo o centro. E, no entanto, a nova forma festiva, não apenas falhou em conseguir desalojar o entrudo como pareceu mesmo acelerar e enriquecer esta forma mais antiga e popular do festejo carnavalesco.” (LINHARES, 2010. P.4. IN: Histórica Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo).

1.3 – Os primeiros blocos

Os primeiros registros de blocos licenciados pela Polícia carioca datam de 1889, segundo o “Almanaque do Samba”, de André Diniz. Eram, então, vistos como uma versão mais pobre e jocosa dos ranchos.

A partir dos anos de 1950, as escolas de samba, com seus desfiles cada vez mais grandiosos, passam a dominar a cena do carnaval carioca, atraindo todas as camadas sociais da população e também de turistas estrangeiros. Os blocos tornaram-se, então, a

face mais visível, democrática e espontânea do carnaval do Rio de Janeiro. Inaugura-se, desta forma, uma nova distinção entre o “grande” carnaval das escolas de samba e o “pequeno” carnaval dos blocos de rua. Porém, ao contrário da distinção que havia entre os bailes e corsos da elite e os cordões das classes mais pobres, não mais havia uma separação ostensiva entre povo e elite. Ela se dava na maior ou menor complexidade que os caracterizariam e no tipo de participação dos foliões: mais organizada e controlada, no caso das escolas; mais livre e espontânea, no caso dos blocos.

O mais antigo e tradicional bloco é o Cordão da Bola Preta, fundado em 1918 como uma espécie de “pequena sociedade” carnavalesca. Até hoje, arrasta milhões de foliões pelas ruas do Centro da cidade. Seu hino, “Segura a chupeta” (“Quem não chora não mama / segura, meu bem, a chupeta / lugar quente é na cama / ou então no Bola Preta”), de Vicente Paiva e Nelson Barbosa, ainda é entoado todos os anos. Ao longo dos anos, novos blocos foram se organizando. Apresentavam-se em concursos oficiais, desfiles ou mesmo nos – já extintos – banhos de mar à fantasia, que tiveram seu apogeu no período entreguerras. Muitos dos blocos fundados na primeira metade do século XX se agigantaram e foram transformados em escolas de samba, enquanto outros, menos estruturados, desapareceram.

Na década de 1950, novas agremiações surgiram com o mero intuito de atrair foliões para brincar o carnaval, sem aderirem a concursos e competições oficiais. Eram os chamados “blocos de embalo”¹¹, como o Bafo da Onça e o Cacique de Ramos.

Enquanto o Centro servia cada vez mais de palco dos grandes desfiles das escolas de samba e dos grandes blocos, paralelamente, o subúrbio permanecia como núcleo de referência do “Pequeno Carnaval” de rua. Era na Zona Norte que se podia encontrar a maior diversidade de manifestações carnavalescas. Brincadeira tradicional das zonas norte e oeste cariocas, os grupos de **bate-bolas** (também conhecidos por “clóvis” – possível corruptela da palavra inglesa *clown*, que significa palhaço) possuem dinâmica distinta a dos blocos da Zona Sul, não sendo, portanto, objeto de análise neste presente trabalho.

1.4 – “Samba, agoniza mas não morre”¹²

¹¹ Blocos que não são de enredo – análogos a escolas de samba - e também não se identificam com outras manifestações carnavalescas preexistentes, como o frevo, por exemplo.

¹² Samba de Nelson Sargento, composto em 1979.

Com a Ditadura Militar, instaurada em 1964, o carnaval de rua, assim como qualquer manifestação cultural democrática, foi reprimido. Sua nova ascensão se daria de forma lenta apenas a partir da década de 1980, com o movimento das Diretas Já. É a partir desta década que, seguindo os passos da folia baiana, as outras festas carnavalescas brasileiras passariam a buscar uma organização mais empresarial, que valorizasse seu evento.

No caso do Rio de Janeiro, a construção do Sambódromo¹³ e a fundação da LIESA – Liga Independente das Escolas de Samba são os grandes marcos desta organização. As Escolas de Samba geravam eventos cada vez mais grandiosos, disputando com os trios elétricos da Bahia o posto de “imagem global” da festa brasileira.

Ocorria, ao mesmo tempo, uma proliferação de grupos carnavalescos que reuniam amigos de bairro, colegas de profissão, frequentadores de bar. Pessoas cuja espontânea manifestação apontava para uma revalorização das ruas de sua cidade. Uma espécie de retorno às antigas brincadeiras que tomavam as ruas do Centro por completo, na segunda metade do século XIX. Desprovidos de regras oficiais, estes novos blocos procuravam organizar-se cada um a seu modo.

Para Paulo Miguez, professor da Universidade Federal da Bahia:

“Cidade afora, distante da lógica que informa o espetáculo midiático-turístico dos desfiles no Sambódromo, circulam, numa quantidade que vem aumentando significativamente nos últimos dez anos, inúmeros blocos, bandas e milhares de foliões anônimos que bem lembram o carnaval mais participativo e muito próprio que acontecia na cidade até os anos 1960.” (MIGUEZ, 2009, pp. 226 e 227).

O carnaval de rua carioca, portanto, desde o final da década de 1990, veio reconquistando seu espaço com uma variedade que garante inúmeras opções de folia popular. Apesar da diversidade de formatos, existem pontos comuns à maioria dos blocos. Em geral todos expressam um sentimento de vitória com a retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro. A partir de 2000, os blocos cariocas passam a ter uma popularidade cada vez maior, como nunca tinham alcançado antes.

¹³ Inaugurado no Carnaval de 1984, tem por nome oficial Passarela do Samba Professor Darcy Ribeiro. Além de lhe emprestar o nome, Darcy Ribeiro foi quem idealizou a obra realizada por Oscar Niemeyer.

Além da Ditadura Militar, alguns fatores contribuíram para o declínio do carnaval de rua, como aponta o pesquisador Márcio Marques. Para ele em 1980, o samba foi perdendo ~~perdeu~~ lugar para o rock, para a discoteca e para a *black music* na preferência dos jovens; as escolas de samba passam a ser administradas pelo jogo do bicho provocando uma padronização do carnaval carioca, as gravadoras e as emissoras de rádio não se interessam na veiculação do samba, e o interesse da classe média carioca na Região dos Lagos, entre os destinos preferidos durante o período do feriado (MARQUES, 2006, p. 3).

“Podemos apontar também como fatores que influenciaram esse declínio, o crescimento desordenado da cidade, a transferência de comunidades carentes da zona sul para a zona oeste, a escalada da violência urbana, o aumento de automóveis e ônibus em ruas que antes eram praticamente residenciais e tantos outros fatores que caracterizam as grandes metrópoles dos nossos dias atuais..” (MARQUES, 2006, p. 3).

É interessante observarmos na fala de Marques, a questão do ordenamento da cidade já nos anos 70 é apontado como um dos aspectos que contribuiu para o declínio do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Por outro lado, a permanência destes mesmos problemas urbanos, em nada intimidaram na revitalização do carnaval do rua das últimas décadas, que iremos abordar nos próximos capítulos.

CAPÍTULO II

A Lógica Cultural da Retomada do Carnaval de Rua Carioca

Após anos de Ditadura Militar, vivemos um momento de auge do carnaval carioca. Além do megaevento que esta manifestação se tornou (tanto por conta de quantidade de blocos, quanto por quantidade de foliões), hoje temos uma pluralidade de ritmos inimaginável há tempos atrás e tão natural hoje em dia (apesar de certas resistências).

Em “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall nos fala de um processo que ocorre em consequência da globalização. Seria uma tendência que surge em oposição à homogeneização cultural e que é pautada em movimentos de resistência cultural, resgate das tradições e busca de uma nova identidade cultural local, que pode ser híbrida. No caso do carnaval contemporâneo carioca, a identidade buscada seria a do Rio de Janeiro. Assim, “as identidades locais, regionais e comunitárias, tem se tornado mais importantes.” (HALL, 2006, p.73).

Em oposição à homogeneização global, surge um novo interesse pelo “local”. E a criação de nichos de mercado, explora, justamente, as diferenciações dentro deste “local”.

“Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’. Este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior

da lógica da globalização.” (HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.78).

Ou seja, a identidade do carnaval carioca que agora se forma, é justamente uma junção entre blocos mais tradicionais (seja pelo tempo de existência, seja pelas músicas que toca) e os blocos surgidos recentemente a partir de ritmos que, historicamente, não guardam nenhuma relação com o carnaval.

José Jorge de Carvalho, antropólogo da UnB, fala, em “Espetacularização e canabalização das culturas populares”, de um esgotamento dos produtos culturais da indústria do entretenimento. Isto causaria, segundo o autor, uma busca de outro tipo de consumo, que tenderia a ser baseado no exótico.

“Atualmente, assistimos a um interesse crescente por manifestações populares, que por muito tempo não haviam despertado a atenção das classes dominantes nacionais, nem da indústria do entretenimento.” (CARVALHO, José Jorge. *Espetacularização e canabalização das culturas populares*. IN: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/189/140>).

É neste sentido que há, no carnaval do Rio de Janeiro, a incorporação de elementos tradicionais. E é neste sentido também que há a espetacularização do evento, uma vez que a mídia faz ampla divulgação dos blocos e eles passam a ser consumidos por grupos que, muitas vezes, são desvinculados do seu sentido original.

Aliás, para o autor José Jorge de Carvalho, espetacularização prevê captura, confinamento, apreensão e enquadramento de um processo cultural que possuía lógica própria. Neste sentido, a espetacularização do carnaval faz com que passem a ser necessárias certas medidas que não haviam antes: como a demanda por infraestrutura e o cumprimento de horários pré-estabelecidos. Mas estas questões da ordem da relação dos blocos com a cidade e seus aparelhos oficiais será tratada com mais profundidade no próximo capítulo.

A retomada do carnaval teria se dado, portanto, devido a necessidade das pessoas de ocuparem as ruas e se manifestarem livremente e de forma mais despojada, como é próprio do carnaval. Eram como grupos de amigos festejando. O grande e

constante crescimento que vemos nos últimos anos, no entanto, se dá ainda, devido ao enfoque da grande mídia, que passa a divulgar as saídas dos blocos.

2.1 – Revitalização contextualizada

Para melhor compreendermos o movimento da retomada do carnaval carioca destacamos três momentos que apresentam características relevantes para melhor compreensão do fenômeno urbano. Num primeiro momento, que identificamos como pré-retomada, iniciado nos anos 1980, no período de redemocratização pós-Ditadura Militar, foi quando surgiram blocos criados pela elite cultural da Zona Sul, como o *Simpatia é Quase Amor*, o *Barbas* e o *Suvaco de Cristo*.

Seguiram-se a esses precursores, nos anos 1990, blocos que valorizavam o resgate das tradições culturais populares, como o *Cordão do Boitató* e o *Céu na Terra*. Na virada do século XXI, assistimos a um momento, onde se dá o surgimento de blocos que incorporam elementos de uma cultura de massa, desvinculando a “autenticidade” do carnaval carioca. Neste momento atual, estão inseridos blocos como *Toca Rauuul!*, dedicado a executar músicas do roqueiro Raul Seixas e Sargento Pimenta, em homenagem a banda inglesa dos Beatles.

Para entendermos todo esse fenômeno procuramos agrupar os blocos, a partir de características comuns que identificamos a partir de cada perfil. Desta forma estaremos tentando compreender através das características em destaque, o porquê desta retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro, e a diversidade que tomou conta das ruas no período pré e carnavalesco.

Esta multiplicidade de blocos, fez com que identificássemos a presença de diversos perfis, que transitam desde a tradição, até a efemeridade. Blocos mais focados em questões políticas, blocos focados na valorização do local, blocos que incorporam os elementos de uma cultura de massa, que incorporam elementos da construção de uma identidade carioca, entre outros.

Vale ressaltar que tais agrupamentos não são totalizantes ou sequer fechadas em si. Elas foram criadas de forma operacional, para ajudar a compreender o cenário dos blocos. Aqui, foram escolhidos os blocos de maior visibilidade, de modo que cada categoria pode conter diversos blocos não trabalhados aqui. Há também que se notar

que certos blocos podem vir a conter características de perfis diferentes. De modo que o que foi levado em conta no momento da categorização foi a ideia original de cada bloco. Como exemplos dos blocos tradicionais, destacamos o Cordão do Bola Preta (fundado em 1918) e o Cacique de Ramos (fundado em 20 de janeiro de 1961¹⁴). A questão aqui é a valorização da tradição. No caso do *Cacique* há uma questão da cultura popular como cultura produzida por grupos não hegemônicos. Há também a questão da mediação da cidade, que nestes blocos, tem Zonas Norte e Sul integradas.

O Cordão do Bola Preta¹⁵ é o bloco mais antigo, ainda em atividade, do Rio de Janeiro. Não à toa, foi elevado ao status de Patrimônio Cultural Carioca em 2007 e recebeu a Medalha da Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo então presidente Lula em 2004. Este fato, por si só, já o torna tradicional.

No entanto, em seus primórdios, ele era algo mais elitizado, uma vez que foi criado, aos redores da região do bairro da Glória, por jovens de elite que praticavam remo no Clube de Regatas Botafogo e eram sócios do Clube dos Democráticos. Em seus primórdios, buscava “promover bailes e sessões de música e canto, cultuar sambas, batuques, choros e outros ritmos nacionais. Dizia-se que o Bola, como era chamado o cordão, não tinha sócios ou seguidores, mas irmãos.” (MOTTA, Aydano André. *Blocos de rua do carnaval do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Réptil Editora, 2011. P. 122).

O Cacique de Ramos, apesar de ser oriundo de Ramos, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, realiza desfiles no Centro da cidade¹⁶, no período do Carnaval. Por sua vez, mantém atividades como feijoadas e rodas de samba ao longo de todo ano em seu bairro de origem, onde também mantém sua sede. Seu tradicionalismo (é o único bloco do subúrbio que jamais deixou de existir) vem, ainda, do fato de músicos com a visibilidade de Zeca Pagodinho, Jorge Aragão e os músicos do Fundo de Quintal já terem sido seus componentes¹⁷.

Tais blocos tem, portanto, o tempo de fundação, uma vez que são os blocos mais antigos em atividade, e o fato de abrangerem classes sociais diversas como características principais.

¹⁴ Seu nome se dá, pois foi fundado no Dia de São Sebastião que, na umbanda, é Oxóssi, um caboclo do mato, representante da figura do índio.

¹⁵ Nome escolhido por conta de uma paixão ocorrida no carnaval de 1917, quando um dos fundadores do cordão se apaixonou por uma foliã que trajava uma fantasia branca com bolas pretas.

¹⁶ Vencedor de um concurso da Secretaria de Turismo quatro anos após sua fundação, passou a desfilar no Centro da Cidade (Avenida Presidente Vargas, inicialmente).

¹⁷ Seus integrantes ilustres são inventores de instrumentos de samba como o tantã (criado pelo sambista Sereno), o banjo com braço de cavaquinho (criação de Almir Guineto) e o repique de mão, de Ubiracy.

Nos blocos deste perfil, as fantasias tendem a remeter ao tema do bloco (roupas com bolas pretas, para o Cordão do Bola Preta, e adereços indígenas, no caso do Cacique de Ramos). Ainda assim, não creio que sejam uma característica predominante. Especialmente no primeiro desfile do Bola Preta, que acontece numa sexta-feira de pré-carnaval e aonde as pessoas costumam ir após o trabalho.

Em termos de música, este perfil tem algo que não é visto em nenhum outro. Tanto o Cordão da Bola Preta quanto o Cacique de Ramos tem músicas de seu repertório que já são consagradas e até tocadas por outros blocos: “Quem não chora não mama”, composta por Nelson Barbosa e Vicente Paiva, é a marchinha principal do Bola Preta e a música que abre os desfiles do bloco e “Caciqueando”, de Noca da Portela, Valmir e Amauri, é a mais emblemática do Cacique de Ramos. Além dessas cada bloco toca outras músicas já consagradas: o Bola Preta tende a focar em marchinhas e sambas-enredo famosos e o Cacique de Ramos, sambas de partido-alto, principalmente os compostos por seus ex-integrantes já consagrados. O samba aparece, então, como característica identitária do carioca.

O *Bola Preta*, presidido por Pedro Ernesto Marinho, tem a atriz Leandra Leal como porta-estandarte, a atriz Desirée Oliveira como rainha do bloco e a cantora Maria Rita como madrinha do bloco. Já o *Cacique de Ramos* tem a cantora Beth Carvalho como sua madrinha e Dona Esmerilda, personagem tradicional da comunidade onde o bloco se criou como madrinha das feijoadas. Também já teve Marina Montini (atriz, modelo e dançarina, também musa do pintor Di Cavalcanti) e a jornalista Glória Maria como suas musas.

Ambos desfilam no Centro da Cidade, na Avenida Rio Branco, com baterias próprias e consagradas e carros de som, indispensáveis por conta da multidão que arrastam. O *Cordão da Bola Preta* realiza dois desfiles: um na sexta-feira anterior ao carnaval e outro no sábado de carnaval. Já o *Cacique de Ramos*, desfila com suas alas temáticas (em 2011 teve um carro alegórico especialmente desenhado por Renato Lage – cenógrafo e carnavalesco do GRES Salgueiro) três vezes: no domingo, na segunda-feira e na terça-feira da semana do carnaval.



Cordão da Bola Preta, Carnaval de 2011 – Foto publicada em www.carnaval.uol.com.br

Já os precursores da retomada¹⁸, são blocos que guardam estreita relação com a Ditadura Militar. E que também foram fundados por pessoas da elite intelectual e da classe média carioca, jornalistas e artistas em sua maioria. É importante notar que, neste caso, a questão da tradição se dá mais no sentido de esses blocos servirem como referência a outros que surgiram posteriormente, do que no sentido de resgate e/ou busca pela preservação de alguma raiz ou tradição do samba.

Fundada em 1964, a *Banda de Ipanema* foi criada por Ferdy Carneiro e liderada por Albino Pinheiro junto com os jornalistas que depois vieram a integrar O Pasquim¹⁹. A brincadeira deles consistia em se utilizar de deboche e ironia para fazer críticas

¹⁸ O Bloco do Barbas, fundado em 1984 também estaria inserido neste perfil. Comandado pelo jornalista Nelson Rodrigues Filho, o bloco desfila com dois caminhões: um trio-elétrico e um carro-pipa.

¹⁹ Albino Pinheiro foi um poeta e grande agitador cultural. E *O Pasquim* foi um semanário fundado em 1969 e que foi editado até 1991. De forte cunho político (era um dos maiores opositores da Ditadura Militar), teve Ziraldo e Jaguar entre seus integrantes.

políticas. Seu lema, que tanto intrigou a Ditadura, Yolhesman Crisbelles²⁰, não significa absolutamente nada. Saíam às ruas fingindo tocar instrumentos, enquanto uma banda de verdade contratada por eles tocava as músicas. Até hoje eles saem com uma banda contratada, aliás.



Banda de Ipanema, Carnaval 2012 – Foto de Alexandre Durão publicada em g1.globo.com/carnaval/2012

Já o *Simpatia é Quase Amor* e o *Suvaco do Cristo*, outros exemplos deste perfil de blocos carnavalescos, surgiram ao final da Ditadura Militar. Mais precisamente em 1985, na época das Diretas Já.

Apadrinhado por Albino Pinheiro e Dona Zica, o *Simpatia é Quase Amor*²¹ surgiu numa época em que, de acordo com Dodô Brandão, um de seus fundadores, “todos eram muito jovens e engajados politicamente. Era a época das Diretas. Meu irmão e amigos formaram a torcida Fla Diretas. A Direta não veio, mas a vontade de ir para a rua continuou. Daí, para formar o bloco, foi um pulo.”²² Na mesma entrevista,

²⁰ Dístico criado por Albino Pinheiro em 1965. Foi inspirado em um pregador evangélico, que dizia ser esse o nome, Yolhesman Crisbelles, do anjo anunciador do Juízo Final.

²¹ Nome inspirado na personagem Esmeraldo Simpatia é Quase Amor, do livro “Rua dos Artistas e Arredores”, de Aldir Blanc.

²² Entrevista concedida à autora via e-mail em 23 de janeiro de 2012.

ele fala que a fundação do bloco se deu, ainda, por conta do “silêncio e o vazio nas ruas do Rio de Janeiro durante o carnaval. Só havia a Sapucaí, mais nada. Os blocos tradicionais foram desfilar na Rio Branco, outros acabaram e nós ficamos órfãos. Principalmente na Zona Sul.”.



Simpatia é Quase Amor, Carnaval 2012 – foto publicada em www.jb.com.br

Já o Suvaco do Cristo²³, conforme texto publicado em seu site, diz que seu surgimento tinha como proposta “agitar, juntar uma porção de gente amiga e sair por aí, se divertindo pelo Rio. Nós que não éramos muito de samba, que gostávamos mais de rock, de viajar, ousamos fazer um bloco. Um bloco de doidos varridos, num bairro bucólico, entre a mata e a lagoa.”.

É importante observar que embora não esteja diretamente relacionado à questão política, o contexto da época acaba fazendo com que uma festa de jovens em busca da liberdade nas ruas tenha a conotação de oposição ao governo da época.

Em termos de fantasias, os foliões desses três blocos primam pela criatividade. A *Banda de Ipanema* atrai muitos gays e travestis. O *Simpatia* e o *Suvaco*, também

²³ Este nome saiu de uma entrevista dada por Tom Jobim, onde ele dizia que sua casa da Rua Lopes Quintas, no Horto, era o próprio “suvaco do Cristo”, devido ao mofo.

arrastam muitos jovens fantasiados. Vê-se muito nesses blocos grupos com a mesma fantasia.

Quando o assunto é música, esses blocos se diferenciam um pouco. *Simpatia é Quase Amor* e *Suvaco do Cristo*, tem um samba temático composto a cada ano: ambos abrem inscrições anuais e já tiveram seus sambas compostos por artistas como Lenine, Chacal, Lefê Almeida e Aldir Blanc. Em geral, tais temas costumam ter relações com o cotidiano e com a política.

Banda de Ipanema e Simpatia é Quase Amor saem pelas ruas de Ipanema. O primeiro realiza três desfiles (um no sábado duas semanas antes do carnaval, outro no sábado de carnaval e outro na terça-feira de carnaval), o *Simpatia*, desfila tanto no sábado anterior ao carnaval quanto no domingo de carnaval e o *Suvaco do Cristo*, que procura sair pela manhã com o intuito de diminuir a quantidade de foliões, concentra no domingo anterior ao carnaval. Os três se utilizam de carros de som.

A Banda de Ipanema tem uma extensa e renomada lista de padrinhos e madrinhas: Clementina de Jesus, Bibi Ferreira, Leila Diniz, Aracy de Almeida, Clara Nunes, Grande Otelo, Martinho da Vila, Nelson Cavaquinho e Cartola são alguns deles.



Suvaco do Cristo, Carnaval 2013 – foto publicada em www.odia.ig.com.br

Cynthia Howlett, apresentadora de televisão, é a porta-bandeira do *Suvaco*, enquanto que o *Simpatia é Quase Amor*, apesar de ter casal de mestre-sala e porta-bandeira, não possui ninguém de renome nesta função. O samba aparece, então, como característica identitária do carioca. Creio que a escolha da porta-bandeira do *Suvaco do Cristo* tenha se dado por conta de se querer mostrar um ícone do público ao qual o bloco pretende atingir: juventude da Zona Sul, antenada e de hábitos saudáveis.

As identidades culturais nacionais são deslocadas, a partir do fim do século XX, pela globalização, processo que interconecta o mundo. Uma tendência que surge por conta disso é o reforço de identidades locais, devido a resistência à globalização.

Formando em 1996 por oito músicos frequentadores da Lapa (Cristiane Cotrim, Kiko Horta, Luis Flávio Alcofra, Paulino Dias, Pedro Miranda, Pedro Pamplona, Ricardo Cotrim e Thiago Queiroz), o *Cordão do Boitatá* já nos revela, em seu próprio nome a relação que guarda com as tradições, sendo, portanto um dos blocos de resgate das tradições que surgiram nos últimos anos. É importante, porém, manter em mente que a tradição é um conceito construído. E, ainda assim, ao reivindicar questões como “raiz” e “origem” tais blocos mobilizam multidões.

Ao se intitular como Cordão, remonta a um tipo de agremiação carnavalesca que foi muito popular do final do século XIX ao início do século XX. E ao se nomear como Cordão do Boitatá, faz referência, ainda, ao nosso folclore, por conta da lenda do Boitatá.

Já o Céu na Terra, foi criado em 2001 e, de acordo com seu blog oficial, “procura reviver a magia das antigas folias de rua através dos desfiles acústicos e do incentivo ao uso livre e criativo de fantasias.”. O estilo bucólico é garantido pelos bonecos gigantes e artistas com pernas que se apresentam colorindo ainda mais as ruas.

Ambos atuam em inúmeras frentes relacionadas à cultura popular e abrangem vários ritmos: o Boitatá, além do carnaval, toca em festas juninas e, no fim do ano, celebra a tradição do pastoril²⁴, com encenação, canto e danças típicas. No Céu na Terra, os estudos e trabalhos ligados à cultura popular são anteriores ao próprio bloco.

²⁴ Pastoril é uma representação dramática que celebra o nascimento de Jesus Cristo e que faz parte dos festejos natalinos tradicionais, que se estendem até o Dia de Reis, em 06 de janeiro. Sua origem remonta ao final do século XVI, na Península Ibérica.



Cordão do Boitató, Carnaval 2010 – foto publicada em g1.globo.com

Já realizaram espetáculos como o *Auto do Boi Estrela*, em 1998, o *Cantoria de Reis* (homenagem a diferentes Folias de Reis, na cidade do Rio de Janeiro e também no interior do estado), no ano seguinte, o *Pastoril Céu na Terra*, apresentado desde o ano 2000 e que é inspirado nos Pastoris e Lapinhas brasileiras²⁵. Há ainda os festejos juninos, prestigiados com o *Viva São João* e o *Cortejo da Paixão de Cristo*, criado a partir de estudos sobre as festas religiosas brasileiras e que ocorre na Sexta-Feira da Paixão (última sexta-feira antes da Páscoa). Em 2004, o grupo passou a promover, ainda, um encontro em Santa Teresa, para estimular a troca (de conhecimentos, experiências, projetos,...) entre grupos de cultura popular. Tal encontro é chamado de *Festa da Lua*.

²⁵ Lapinha é a representação, tradicional do folclore brasileiro, dos pastores que faziam louvações frente ao presépio na noite de Natal.



Céu na Terra, Carnaval 2011 – foto publicada em extra.globo.com

Apesar das semelhanças quanto às atividades relacionadas à cultura popular, Céu na Terra e Cordão do Boitató se estruturam de maneiras diferentes no carnaval. O primeiro não se utiliza de carros de som e seus músicos saem pelas ruas de Santa Teresa, no sábado de carnaval, quase que misturados aos milhares de foliões que o bloco agrega. O percurso consiste em sair da Praça Odilo Costa Neto, onde concentra, e seguir até o Largo das Neves. Antes dos serviços de bondinho serem suspensos no bairro de Santa Teresa, o Céu na Terra realizava outra saída, no sábado anterior ao carnaval. Neste dia, os músicos iam dentro do bondinho, do Largo da Carioca, no Centro, ao Largo das Neves, em Santa Teresa. Em ambos os blocos, a maioria dos foliões comparece criativamente fantasiada.

O Boitató, por sua vez, monta um palco na Praça XV no domingo de carnaval. Este ano, eles voltaram a fazer outro desfile, no domingo de pré-carnaval, que sai da Rua do Mercado em direção a Praça Tiradentes. Com a separação do cortejo da apresentação do palco, a apresentação no palco ganhou mais atrações. Este ano, antes de entrarem no palco, eles contaram com as apresentações do grupo Sassaricando, dos DJ's Fukô e Haroldo e da Festa Maracangalha.

O repertório dos dois blocos abrange ritmos diversos, com foco em marchinhas históricas. No caso do Boitató, eles ainda apresentam composições próprias e

convidados em seu show (em 2013, participaram Teresa Cristina, Yamandu Costa, Marquinhos de Oswaldo Cruz, Pedro Miranda, Mariana Baltar, Tia Maria do Jongo da Serrinha, Rubinho Jacobina, dentre outros cantores e instrumentistas).

Agora, falarei dos blocos tem profunda criação com o local aonde foram criados, tendo seu bairro ou algum aspecto dele como característica principal. Mudar estes blocos de lugar, os descaracterizaria completamente. Este fato ocorre em outros blocos, mas neste perfil, ele é primordial.

O Bloco das Carmelitas, por exemplo. Surgiu em agosto de 1990 se aproveitando de uma lenda sobre o Convento das Carmelitas, localizado no bairro de Santa Teresa. Na lenda, uma freira pularia os muros do convento para brincar o carnaval. Seu percurso simboliza a fuga da freira foliã: na sexta-feira de Carnaval, desfila da Ladeira de Santa Teresa (esquina com a Rua Dias de Barros) até o Largo do Guimarães, fazendo o percurso contrário na terça-feira seguinte.



Bloco das Carmelitas, Carnaval 2011 – foto publicada em carnaval.uol.com.br

Já o Escravos da Mauá, tem íntima relação com a Zona Portuária. Sua história começou em 1993, com um grupo de amigos que trabalhava no Instituto Nacional de Tecnologia, no bairro da Saúde. Seu nome se dá, pois a Saúde (nas redondezas da Praça Mauá) foi um local onde, mesmo após a Abolição da Escravidão, escravos libertos e

colônias de negros se fixaram. Além disso, vem também da brincadeira dos fundadores se autodenominarem “escravos” de seus trabalhos.

Teresa Guilhon Bastos, integrante do bloco Escravos da Mauá, diz que a criação do bloco se deu por diversos fatores:

“a experiência bem sucedida de outros blocos como o Simpatia é Quase Amor e o Suvaco do Cristo, no sentido de despertar o desejo de retomar as manifestações mais lúdicas do carnaval, a falta de espaços para a cultura no centro da cidade nos anos 90, a descoberta da história e do abandono da região portuária. Além disso, havia a vontade de um grupo de pessoas que trabalhavam juntas de fazer alguma coisa pela cidade, pois havia um clima grande de desânimo em relação ao Rio”.²⁶

Os músicos do bloco formam o Fabuloso Grupo Eu Canto Samba, que realizava rodas de samba esporádicas no Largo de São Francisco da Prainha, até perder o apoio da Prefeitura, no início deste ano. No carnaval, eles se concentram nesta mesma praça e saem por um desfile que desbrava lugares históricos da Região Portuária.

Seus sambas, criados pela Ala de Compositores do bloco, tem como traço mais marcante, nas palavras de Teresa Bastos, “o resgate da história e a preservação da memória da região portuária”. Não há, portanto, competição pelo samba de cada ano, cujo tema é escolhido antes da composição, ao passo que há concurso para a estampa das camisetas, que também são lançadas a cada ano. O bloco possui dois casais de mestre-sala e porta-bandeira, além de uma terceira porta-bandeira adolescente. Ainda tem a Cia. de Mysterios e Novidades que faz, em pernas de pau, o tradicional abre-alas do bloco.

O *Escravos da Mauá* é um bloco politizado. No seu próprio nome reivindica uma questão da identidade negra. Os ensaios são em locais de tortura da escravidão. E seus desfiles no Carnaval passam por lugares que, embora históricos, são menos visados no Centro do Rio de Janeiro. Há ainda uma postura de defesa da população daquela localidade, versus um projeto de “cidade-espetáculo” que expulsa a população dos centros. Obviamente, esta postura do bloco contribui para o interesse da população e contribui na caracterização de seu público.

Também identificamos essa questão de identificação com a localidade em blocos como o *Bagunça Meu Coreto*, criado em 2005, que faz referência ao seu local de criação (coreto da Praça São Salvador, em Laranjeiras) já em seu nome.

²⁶ Entrevista concedida a autora, via e-mail, em 18 de julho de 2011,



Escravos da Mauá, Carnaval 2011 – foto publicada em sebastiana.org.br

A hibridização cultural, hoje presente em vários blocos iniciou-se com o Monobloco. Este bloco começou suas atividades nos anos 2000 como uma oficina de percussão, que foi fundada pelos integrantes do grupo Pedro Luís e A Parede. O objetivo desta oficina era trabalhar instrumentos característicos de escolas de samba em outros ritmos. Assim, eles misturam o ritmo carnavalesco (com marchinhas e sambas-enredo clássicos) a outras batidas e músicas mais modernas. Hoje, este bloco é considerado fundamental para a revitalização do carnaval de rua. Até porque, esta lógica de empresa, ao menos no que diz respeito ao sustento do bloco ao longo do ano, aos shows e as oficinas iniciais do Monobloco, foi essencial para o surgimento de outros representantes.

Com o passar dos anos, esta oficina transformou-se em um dos blocos mais movimentados do carnaval carioca. Inicialmente, seu desfile ocupava a orla do Leblon, enquanto que hoje ocupa a Avenida Rio Branco. A banda em si também cresceu muito: realiza shows o ano todo, inclusive em outros países, e já possui dois CD's e um DVD gravados.



Monobloco, Carnaval 2009 – foto publicada em estadao.com.br

A Orquestra Voadora, fundada em 2008, também já é convidada para realizar diversos shows ao longo do ano. Seus fundadores conheceram-se justamente no carnaval: tocando em baterias de outros blocos. Além da mistura de ritmos, são caracterizados pela mistura de instrumentos musicais: a Orquestra agrega tanto instrumentos percussivos característicos do carnaval quanto instrumentos de sopro, como trombone, saxofone e gaita (o que, inclusive, endossa o nome Orquestra Voadora).

O repertório de ambos é muito amplo: se na Orquestra Voadora podemos ouvir de Tim Maia a Michael Jackson ou de Vinícius de Moraes a Rage Against the Machine, no Monobloco ouvimos Jorge Bem Jor e Sérgio Sampaio misturados a muitas marchinhas.

A experiência e vivência dos desfiles é bastante diferente em cada um deles. O visual da *Orquestra Voadora*, através das pernas de pau e roupas coloridas, remete ao universo circense. Além disso, a banda vai no chão, entre os foliões: a função do carro de som é apenas a de fazer chegar a música ao número cada vez maior de pessoas que seguem o bloco pelo Aterro do Flamengo na terça-feira de carnaval.

Já o *Monobloco*, segue com o grupo em cima do trio elétrico e a banda no chão pela Avenida Rio Branco. O público que segue este bloco, no domingo seguinte ao fim oficial do carnaval, é um dos maiores do carnaval carioca.



Orquestra Voadora, Carnaval 2013 – foto publicada em oglobo.globo.com

A fantasia, item cada vez mais presente em todo e qualquer bloco, é destaque principalmente na *Orquestra Voadora*, onde os foliões seguem a temática divertida inspirada pelo bloco.

No caso da *Orquestra Voadora*, a questão da hibridização cultural é muito forte. O grupo incorpora tanto elementos que vem de uma cultura globalizada, quanto elementos de uma cultura popular. A própria formação do grupo, com seus instrumentos de sopro e a denominação de Orquestra, reforça esta questão. As fantasias, muitas deles remontam a visualidade da cultura popular com aspectos de origens medievais.

O bloco *Mulheres de Chico* foi o precursor dos blocos que escolhem um tema que não possui relação com carnaval para homenagear. A questão que se dá, então, é a do conceito de autenticidade contraposto ao de globalização. Criado em 2003, o grupo formado apenas por mulheres se apresentou no carnaval pela primeira vez em 2007, na Praça Antero de Quental, no Leblon. Em entrevista concedida por e-mail em 26 de maio de 2011, Mônica Leme, uma das integrantes do bloco disse sobre o primeiro desfile: “O primeiro desfile foi em 2007, ainda precário, quase amador. Mas a partir de 2008 o bloco se profissionalizou pra valer.”.



Mulheres de Chico. Carnaval 2013 – foto publicada em oglobo.globo.com

Composto apenas por mulheres, tem suas batuqueiras oriundas de blocos como *Empolga às 9*, *Kizomba* e *Monobloco*. Fazendo shows durante todo o ano, a formação da banda varia entre 13 e 18 componentes, de acordo com o palco e o evento.

Após a Praça Antero de Quental, o *Mulheres de Chico* teve seu palco montado em outro local do Leblon, na orla próximo ao Posto 12. E em 2013, a apresentação ocorreu na Praia do Leme, devido às obras que estão acontecendo para a implantação do metrô no bairro do Leblon.

A ideia do bloco *Sargento Pimenta* surgiu em 2010, quando um grupo de amigos decidiu misturar ritmos percussivos às músicas do grupo inglês, The Beatles. Desde o princípio divididos entre banda e bateria por conta dos shows que já fazem desde o início, misturam instrumentos como guitarra e baixo a cavaquinhos, surdos e repiques.

Sua estreia no carnaval ocorreu em 2011, quando ainda desfilavam em Botafogo. Mas já em seu primeiro desfile, levaram milhares de pessoas às ruas, o que motivou a mudança no carnaval seguinte, quando passaram a desfilarem no Aterro do Flamengo. Também em decorrência de seu primeiro desfile, foram eleitos o melhor bloco de rua do ano de 2011 pelo voto popular, em concurso promovido pelo jornal **O Globo**.



Sargento Pimenta – foto publicada em rioguiaooficial.com.br

Formado por 15 componentes e utilizando-se de instrumentos como baixo, guitarra, cavaco, sopros e percussões, a proposta do bloco Toca Rauuul é fazer releituras das músicas de Raul Seixas em ritmos tradicionalmente carnavalescos, como frevo, samba, marchinha e maracatu. Criado em 2011, o bloco aproveita a grande legião de fãs de Raul Seixas e já fez até crowdfunding pelo site Embolacha para realizar sua apresentação no carnaval de 2012.

Seu baile, feito no domingo de carnaval na Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro, conta com figurino, cenografia, adereços, bonecos e efeitos visuais que remetem ao músico-tema do bloco.

Ainda em 2011, o Bloco Brega Fogo e Paixão foi formado por mais de 100 batuqueiros que participam de blocos como Monobloco, Quizomba e Bangalafumenga. No domingo anterior ao carnaval, o Largo São Francisco de Paula, no Centro, é tomado por um carro de som decorado com frases de para-choque de caminhão e fotos de músicos como Wando (autor da música que inspirou o nome do bloco) e Fagner.



Bloco Toca Rauuul!, Carnaval 2013 – foto publicada em oglobo.globo.com

Para o carnaval de 2012, eles também fizeram uma campanha de financiamento coletivo pelo site Catarse apoiada pelo cantor Wando, que veio a falecer poucos dias antes do desfile. Em homenagem a ele, o bloco realiza uma chuva de calcinhas no meio de sua apresentação (o bloco não desfila).

Em todos estes blocos, as fantasias dos foliões tendem a seguir a temática de cada um.

Lefê Almeida, produtor cultural, considera que estejamos vivendo um período de descaracterização. No texto “Lennon, Raul, Wando e o Rei”, publicado na coluna do Ancelmo Góis no **O Globo** em 05 de março de 2012, ele diz que tais blocos seriam:

“sem cor, sem bandeira, sem samba, que vão buscar nos Beatles, no Rei, no Raul, no rock, no funk, no Wando, na música brega, nas celebridades do momento uma maneira de ser diferente, de demonstrar a euforia de uma geração que vive conectada, mas está desinformada. Uma turma que não se liga na riqueza musical de uma história que é sua. Que me perdoem os fanáticos, mas essa mistura é muito feia. Tremenda forçação de barra. Faço parte dessa turma que promoveu a revitalização do carnaval de rua do Rio e posso afirmar que ela foi feita com respeito às tradições musicais. Este movimento não nasceu de campanha de marketing. Foi espontâneo. Criado com amor e devoção.” (IN:

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2012/03/05/lennon-raul-wando-o-rei-434648.asp>)

Neste discurso, fica muito clara a questão da “autenticidade”. Para Lefê Almeida, qualquer bloco que não respeite as tradições musicais e a história desta manifestação cultural é descaracterizado. Inclusive, ele faz a seguinte proposta em seu texto:

“Por que não criar a "Lira Moderna" para esses blocos diferentes desfilarem no Centro na primavera ou no verão? Criaríamos um novo atrativo turístico. Outro tipo de carnaval fora de época. Quem sabe, assim, eles deixam nosso carnaval sambar em paz, e nós preservamos a história dessa sagrada alegria.”
(IN: <http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2012/03/05/lennon-raul-wando-o-rei-434648.asp>)

Ou seja, para ele, o que não é autêntico não deveria sequer ter o direito de sair às ruas no período carnavalesco. Mas como definir a autenticidade de um bloco?

Sobre a tradição Stuart Hall afirma que:

“A Tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica, de forma inalterável. Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância.” (HALL, 2003, p.259-260)

Como podemos perceber neste capítulo, a retomada, portanto, está diretamente relacionada à diversidade de blocos, e da atualidade deles com questões contemporâneas. Há também questão da democratização dos blocos, onde qualquer um pode participar. Baseada na diversidade e na vocação da cidade do Rio de Janeiro para megaeventos, partiremos agora para a análise com um viés do poder público, e a sua organização da festa.

CAPÍTULO III

O Carnaval e a Organização Urbana

Neste capítulo procuraremos refletir sobre como o fenômeno da retomada dos blocos de rua relaciona-se com a cidade do Rio de Janeiro. Buscaremos compreender como as instituições lidam com os novos e crescentes blocos de rua no que se refere aos aspectos de organização da festa. Na medida em que nos deparamos com um reforço da mídia na construção de um imaginário, de que a cidade do Rio de Janeiro possuiu uma forte vocação para receber os megaeventos, discutiremos como a Prefeitura se coloca em relação ao estímulo de tal fenômeno.

É importante destacar, conforme apontamento já feito na Introdução, que este movimento de retomada dos blocos de rua não se processa com a mesma intensidade em toda a cidade. Tanto a grande mídia quanto as instituições oficiais, priorizam os blocos da Zona Sul, o que, em outras palavras, significa estimular apenas o consumo da classe média, da elite cultural. Em contrapartida, há certo desprezo pelo blocos da Zona Norte que, por sinal, sempre se mantiveram em atividade.

O Rio de Janeiro é uma das cidades que mais abriga eventos em todo o mundo, o que é de extrema importância para a Economia e o Turismo da cidade. Ricardo Ferreira Freitas, doutor em Sociologia, em seu artigo “Folia, mediações e megaeventos: breve estudo sobre as representações do Carnaval 2010 nos jornais cariocas”, afirma que:

“O Rio de Janeiro é representado em todo o mundo por uma série de características da ordem do belo e, ao mesmo tempo, por uma variedade de questões ligadas à violência. Reconhecida como uma cidade de festas e com

um povo sorridente, o Rio de Janeiro é comumente associado a eventos como o Reveillon e o Carnaval. Atualmente, esses são dois momentos da cidade em que ela reencontra sua autoestima, tão em baixa no resto do ano devido aos problemas de miséria, violência urbana, habitação, trânsito. Nesses dois períodos, a metrópole recebe milhares de visitantes e se alegra com isso.” (IN: <http://www3.usp.br/rumores>)

Desta forma, os megaeventos interferem diretamente na estrutura da cidade e exige de seus governantes políticas urbanas, que para Freitas ora maquam a estética urbana, ora fortalecem tendências ou vocações (FREITAS, 2001).

O número excessivo de foliões no carnaval de 2013 (este ano tivemos o maior carnaval da história), por exemplo, fez o prefeito Eduardo Paes declarar que novas mudanças acontecerão em relação ao roteiro dos blocos e a quantidade de licenças concedidas para o carnaval de 2014:

"Acho que há uma concentração excessiva na Zona Sul da cidade. Ipanema teve a Avenida Vieira Souto tomada todo o dia. Leblon, Laranjeiras e Flamengo também são áreas onde a gente precisa ter uma redução de blocos. Já pedi ao pessoal da Riotur que estude, eventualmente, até o indeferimento de alguns pedidos para blocos desfilarem. A gente percebe claramente que um ou outro bloco tem características essencialmente comerciais. Não são manifestações de alegria naturais de vizinhos e moradores" (IN: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2013/noticia/2013/02/apos-publico-recorde-prefeito-do-rio-anuncia-reducao-de-blocos-para-2014.html>).

A questão é que o número de foliões não necessariamente diminuirá se a quantidade de blocos diminuir. No ano de 2012, por exemplo, assistimos a um número menor blocos do que nos dois anos anteriores e, no entanto, a quantidade de foliões em relação ao ano de 2010 praticamente dobrou.

O fenômeno da retomada pode ser exemplificado muito facilmente nos seguintes números: foram 269 blocos em 2009, 465 em 2010 (levando mais de 2,4 milhões de pessoas às ruas) e 2011 e, em 2012, foram 424 blocos que atraíram mais de 5 milhões de foliões. Este ano, 6 milhões de foliões se dividiram entre 492 blocos.

Em enquete realizada pela Riotur em 2012, 60% dos entrevistados disseram que o carnaval correspondeu às expectativas. Já para 38%, elas se superaram. Por isso, 96% dos foliões alegaram ter pretensão de voltar ao carnaval do Rio de Janeiro e 98% o recomendariam aos amigos. No entanto, apenas 9% dos consultados eram turistas. Número bastante reduzido tendo em vista que a cidade recebeu 1,1 milhão de visitantes, segundo publicação do *O Globo*.

Todas essas pessoas colaboram para as multidões arrastadas por blocos como o *Cordão da Bola Preta*, que já chegou a levar à Avenida Rio Branco mais de 2 milhões de pessoas e o *Monobloco*, com quase 1 milhão seguindo o mesmo trajeto. Na Zona Sul, *Simpatia É Quase Amor* (150 mil) e *Afroreggae* (400 mil) lotaram a Praia de Ipanema, enquanto *Bangalafumenga* e *Sargento Pimenta* levaram 60 mil cada para o Aterro do Flamengo. Ainda no Centro, o *Cordão do Boitató* concentrou 40 mil pessoas na Praça XV.

Na tentativa de organizar a folia que arrasta multidões, a Prefeitura criou dois decretos que normatizam (o Decreto **32664** aponta regras para as saídas dos blocos, Anexo I) e qualificam (Decreto **37182**, **Anexo III**) o carnaval como manifestação cultural tipicamente carioca.

Esta série de medidas, impostas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, tem o sentido de organização da festa, de qualificação e de contenção dos blocos. Alguns blocos por sua vez, também adotaram algumas estratégias que visavam a diminuição do número de foliões e organizações em associações de blocos.

A Prefeitura tem uma série de pré-requisitos necessários para a legalização de um bloco. A Portaria n° 112 (Anexo II), de 31 de agosto de 2011, estabelece o preenchimento de um requerimento (disponibilizado no site da Riotur) e a necessidade de cópias de documentos (RG e CPF) do responsável pela banda ou bloco e da documentação do bloco ou banda, caso haja. Após análise da documentação e em data determinada pela Riotur, é emitida uma autorização preliminar ao requerente. A partir daí, o requerente deve dar ciência às autoridades de Segurança Pública e Defesa Civil do Governo do Estado, quando aplicável, por meio de correspondência protocolada e cumprir as demais exigências inerentes às peculiaridades de bairros e ruas, a critério das Coordenadorias de Áreas de Planejamento (Subprefeituras).

De modo a contribuir para a organização desta festa, a Riotur (Empresa de Turismo do Rio de Janeiro) coordena, ainda, Guarda Municipal, CET-Rio, Comlurb, Secretaria de Ordem Pública, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. Vê-se, assim, que esta festa é algo que ganha força a cada ano que passa e que, conseqüentemente, necessita de estrutura e diretrizes que apoiem sua organização.

Em relação à intervenção da Prefeitura a posição dos entrevistados para esta pesquisa demonstrou alguns posicionamentos diferentes, apesar de todos eles elogiarem as ações do poder público. Para Leonardo Campos, integrante da *Orquestra Voadora*:

“Esta é uma questão polêmica até entre nós. Alguns acham que a manifestação cultural, ainda mais no carnaval, não deve ser regrada. Outros entendem que é necessário respeitar o direito de quem não quer fazer parte da festa. Pessoalmente, acho importante que se respeite o direito de todos, os que querem fazer festa e os que não querem. Acho também que com a experiência, a administração pública está no caminho de manter a ordem com equilíbrio e inteligência, pois assim que surgiu o “Choque de Ordem”, parecia que o comando estava nas mãos das pessoas mais idiotas do mundo! Rebocavam até bicicleta presa em poste! Pararam uma apresentação nossa na praia de Ipanema, que estava fechada por ser domingo e não atrapalhava ninguém, muito ao contrário. Na ocasião, a polícia e a prefeitura tomaram a via mais linda que já vi. Mas acho que está melhorando. Este ano, nosso carnaval foi ótimo! Tinha até banheiro químico! Ano passado, além de não ter e a guarda municipal quase nos impedir de desfilar por isso, ainda proibiram os ambulantes de vender bebida no dia que parecia ter sido o mais quente da história! Como este ano foi tudo melhor, inclusive o tratamento com os representantes da administração pública, acho que está melhorando.”²⁶

Já Monica Leme, do bloco *Mulheres de Chico*, não vê problemas em relação às regras impostas pela Prefeitura:

“Relação é excelente. O MDC desfila com todos os documentos oficiais exigidos, respeitando a ordem pública, sempre dialogando com as associações de bairro (no caso a do Leblon), solicitando banheiros químicos e fazendo um “desfile” parado, que minimize os efeitos sobre o trânsito. No fim o saldo é positivo sempre. Nunca houve incidente sério, haja vista o público que comparece: várias gerações brincando juntas (avôs e avós com filhos e netos ao som do Chico).”²⁷

Ao contrário da fala de Teresa Guilhon, integrante do *Bloco Escravos da Mauá*, onde vemos claramente a reivindicação de uma gestão participativa:

“As manifestações culturais espontâneas tem sua própria dinâmica e não acho que haja necessidade de intervir, mas de melhorar a gestão sempre ouvindo todos os envolvidos construtivamente.”²⁸

Há que se pensar nos blocos dentro da lógica da cidade, relacionando-os a questões urbanas. Por isso que, em geral os entrevistados até concordam com o remanejamento de certos blocos para outras áreas. O parâmetro para isso que é o ponto de discussão. Leonardo Campos, da Orquestra Voadora, considera que os parâmetros para esta medida devem ser “a tradição dos blocos, antiguidade e locais que não causem transtornos à circulação”. É interessante notar aqui que, para o entrevistado, tradição e antiguidade são conceitos distintos, mas igualmente relevantes. Dodô Brandão, apesar de não concordar com a restrição ao surgimento de novos blocos, considera que há que

²⁶ Entrevista concedida à autora em 18 de maio de 2011.

²⁷ Entrevista concedida à autora em 26 de maio de 2011.

²⁸ Entrevista concedida à autora em 19 de julho de 2011.

se respeitar os limites da cidade. O parâmetro principal de remanejamento, para ele, “é a identidade dos blocos com seus bairros”. Portanto, blocos mais comerciais, os que costumam ser maiores atualmente, teriam pouca relação com algum bairro específico.

Para diminuir o número de foliões, certos blocos adotam estratégias como sair em horários não-convencionais (de manhã cedo, por exemplo) ou a não divulgação de seu horário de desfile. A *Orquestra Voadora*, por exemplo, é adepta de apresentações surpresa.

Inaugurado em dezembro de 2010, o Centro de Operações da Prefeitura, através do acesso a mais de cem câmeras espalhadas pelas ruas, vem ajudando na orientação do trânsito. Isto por que, tal evento implica em questões como: maior fluxo de turistas, trabalhadores informais (vendedores ambulantes), incremento na economia local (principalmente para estabelecimentos comerciais e alimentícios que se situam em áreas onde há bloco), trânsito e a necessidade de reorganização do fluxo de certas ruas, lixo (apesar da quantidade vir diminuindo aos poucos, ainda foram geradas 770 toneladas) e mijões (algunha dada pela imprensa carioca a todos que são pegos urinando em lugares indevidos na rua).

Aliás, esta questão dos mijões é fruto do largo crescimento do carnaval que, a cada ano que passa, leva mais pessoas às ruas. E vem ganhando grande atenção, não só da mídia, mas de agentes da Prefeitura também: foram 1.014 detidos em 2012 e 808 em 2013.

É bem verdade que a quantidade de banheiros químicos também tem sido crescente. Mas além da quantidade, que ainda está longe de ser suficiente, a disposição desses banheiros nos circuitos dos blocos tem que mudar, de modo a tentar atender todo o circuito do bloco.

O último carnaval contou com cerca de 18.000 banheiros químicos. Segundo a Riotur, em 2012 eram 15.000 banheiros químicos e 50 contêineres – com sete banheiros cada - disponibilizados. Em 2011 foram 2.000 banheiros químicos e 10 contêineres a menos e, mesmo assim, isso já era 209% a mais do que o disponibilizado em 2010. Mas eles ainda são dispostos aglomerados uns aos outros em poucos e distantes pontos que não cobrem todo o trajeto do bloco, o que gera filas e dificulta o acesso.

O ponto positivo, e grande novidade do carnaval neste quesito, é que desde 2012 são contratados agentes que tratavam não só da manutenção dos banheiros como de sua organização, coordenando as filas e não permitindo a entrada com latas e garrafas de

bebida, por exemplo. Além de reduzir efetivamente o tempo de espera, os banheiros ficaram menos sujos.

Desde 2011, a Riotur vem transferindo a saída de alguns blocos para o período pré-carnavalesco ou, ainda, alterando seu local de desfile. Os tradicionais não contaram com nenhuma mudança porque, segundo Antônio Pedro Figueira de Mello (secretário municipal de Turismo e Presidente da Riotur), “antiguidade é posto”²⁸. Ele explica que a maioria das requisições tende a ser para desfiles no sábado ou no domingo de carnaval. Então, há mesmo que reorganizá-los para que os desfiles sejam divididos desde o período pré-carnavalesco e ao longo do próprio carnaval em si. Em 2013 essa reorganização de locais se deveu, ainda, a obras do metrô que fecharam algumas ruas de bairros na Zona Sul (nos bairros de Ipanema e Leblon).

Ricardo Rabelo, presidente da Associação Folia Carioca, que representa 15 blocos e bandas da cidade, acredita que remanejar os blocos de lugar não resolve. Em entrevista ao G1, ele disse:

“Eu duvido que esta solução de esvaziar certos bairros, e transferir o problema para outros, vá resolver. Porque simplesmente você vai migrar o problema de um bairro para outro. Acho que, primeiramente, os blocos têm que ser consultados”, destacou Rabelo. (IN: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2013/noticia/2013/02/apos-publico-recorde-prefeito-do-rio-anuncia-reducao-de-blocos-para-2014.html>).

Rita Fernandes, presidente da Sebastiana (Associação Independente dos Blocos de Carnaval de Rua da Zona Sul, Santa Teresa e Centro), em entrevista publicada na mesma matéria, corrobora:

“Eu não sei exatamente se tem que se tomar qualquer medida agora, de restrição ou contenção de blocos. Eu acho que o carnaval cresceu muito. É visível. Foi um sucesso. Trouxe, com isso, muitos problemas, é claro, principalmente do lixo. Acho que a gente tem que sentar e conversar”. (IN: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2013/noticia/2013/02/apos-publico-recorde-prefeito-do-rio-anuncia-reducao-de-blocos-para-2014.html>).

Já a presidente da AMIpanema (Associação de Moradores de Ipanema), Maria Amélia Loureiro crê que a Zona Sul não comporta novos blocos e que a postura da Prefeitura deveria ser a de instruí-los a desfilarem em outros pontos da cidade. O

²⁸ Declaração publicada em matéria do jornal O Globo, no caderno especial de carnaval, em 09 de janeiro de 2011.

presidente do Conselho Comunitário de Segurança da Zona Sul reforça este coro, achando que é preciso mais rigor na hora da autorização.

A dispersão dos blocos é outro ponto de extrema importância, e que tem estreita ligação com o trânsito da cidade. Para ajudar um melhor funcionamento nesse sentido, Rita Fernandes, presidente da Sebastiana (Associação Independente de Blocos da Zona Sul, Santa Teresa e Centro da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro), tem orientado que seus blocos respeitem o limite de seis horas de desfile, desligando o som e parando suas baterias mais cedo. Mas a Prefeitura também deve fazer sua parte, disponibilizando controladores de trânsito suficientes.

De qualquer maneira, como a alegria do folião é algo que não se controla, mesmo com o final do bloco, muitas pessoas tendem a permanecer no local e isto deve merecer cuidadosa atenção das autoridades.

3.1 – A organização dos blocos de rua cariocas

Como já havíamos mencionado acima, a criação do decreto **37.182** que dispõe sobre a formação de uma “Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua”, assinado pelo Prefeito Eduardo Paes em 20 de maio de 2013, estabelece a criação da Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua. Para que se chegasse a tal resolução, foram levadas em consideração as seguintes questões: fortalecimento do carnaval de rua, que atrai cada vez mais foliões; surgimento de blocos que, segundo os critérios da Prefeitura, não possuem as características típicas necessárias; importância desta festa para a vida cultural e social da cidade e, por último, mas não menos importante, o dever que o poder público tem de manter, apoiar e preservar tais manifestações culturais. Não são elencadas, todavia, quais seriam estas características típicas.

Seu primeiro artigo decreta que como período pré-carnavalesco serão considerados os trinta dias anteriores ao sábado de Carnaval, enquanto o período Carnavalesco será o que vai do sábado de Carnaval ao domingo seguinte ao sábado das campeãs¹⁸³⁰.

³⁰ Sábado das Campeãs é o sábado seguinte à Quarta-feira de Cinzas, quando há um novo desfile no Sambódromo.

Neste decreto a autorização aos desfiles de blocos já competia à SETUR/RIOTUR e já era condicionada a CET-Rio (consultada sobre o percurso informado) e às Subprefeituras (através do nada a Opor).

Ao contrário do decreto anterior, o **32664**, que tratava apenas de normatizar o carnaval, este decreto do ano de 2013 qualifica a manifestação. A necessidade de criação de uma comissão de avaliação implica no reconhecimento do fortalecimento do carnaval como manifestação cultural carioca. Em contrapartida, este decreto também traz a responsabilidade para o poder público de “manter, apoiar e preservar” os blocos.

Outro ponto a se destacar neste discurso oficial é o que se refere “ao surgimento de diversos ‘blocos’ que não possuem as características típicas do carnaval carioca”. O que seriam estas características típicas? Seria o samba uma destas características? Conforme Stuart Hall, o que determina a cultura popular é o jogo de forças entre as classes dominantes. Ou seja, se no passado o samba era desprezado pela elite, hoje, já totalmente assimilado pela indústria cultural, ele é visto como característica tradicional a ser preservada e elemento de identidade nacional.

A Comissão será composta por representantes dos seguintes órgãos: Secretaria Municipal de Turismo (SETUR/RIOTUR), Subprefeituras, Secretaria Municipal de Transportes (SMTR), Companhia de Engenharia e Tráfego (CET-Rio), Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos (SECONSERVA), Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), Secretaria Municipal da Ordem Pública (SEOP), Guarda Municipal (GM-Rio), Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e duas Entidades representativas dos Blocos e Bandas Carnavalescos, levando em consideração sua tradição e representatividade.

Aqui também não se deixa claro o que é necessário para considerar uma entidade representativa de blocos representativa de fato. A tradição pode estar relacionado ao surgimento, mas e a representatividade? Seria uma entidade representativa aquela que congrega mais blocos? Aquela que congrega os maiores e mais antigos blocos? Ou, talvez, aquela que tenha maior espaço na mídia. Pois, principalmente na televisão, quando se dá espaço a algum representante destas entidades, normalmente quem tem voz é a Rita Fernandes, da Sebastiana. A Sebastiana, inclusive, tem parceria com a Globo Rio (que exhibe alguns comerciais ao longo do Carnaval) e com a COMLURB (assim que os desfiles de seus blocos acaba, garis passam recolhendo todo o lixo deixado).

O decreto também atribui a coordenação dos trabalhos da Comissão à SETUR/RIOTUR. As solicitações de legalização dos blocos serão avaliadas sob os seguintes critérios: tradição, características do bloco, características do local de desfile, local de realização do desfile, relação do bloco com esta localidade, estimativa de público e possíveis impactos locais. A Comissão terá sessenta dias, contados a partir do início do recebimento das inscrições, para emitir seus pareceres.

3.2 – As Associações de Blocos

Com o crescimento cada vez maior dos Blocos de rua e demandando uma maior organização para enfrentar os problemas deste crescimento e manter um diálogo mais organizado com o poder público, vimos o surgimento de algumas associações que reuniram os Blocos. A Sebastiana é a mais antiga e representativa delas.

Teresa Guilhon, do *Escravos da Mauá*, bloco integrante da Sebastiana, considera que associações “são uma ferramenta importante de diálogo com o poder público e a comunidade”. Leonardo Campos, da *Orquestra Voadora*, segue este pensamento e considera “muito importante a existência desta e de outras associações, principalmente agora que a administração pública está tentando organizar o carnaval de rua”., etc, etc. Dodô Brandão, do *Simpatia é Quase Amor* (outro bloco pertencente à Sebastiana), ainda toca em outra questão, quando diz que a Sebastiana contribui para a organização do bloco. Por sua vez, Mônica Leme, do *Mulheres de Chico*, diz que seu bloco “tem uma política de independência, mas dialogando com os outros blocos e o poder público sempre”.

3.2.1 – Sebastiana

Sebastiana (Associação Independente dos Blocos de Carnaval de Rua da Zona Sul, Santa Teresa e Centro da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro), foi fundada no ano 2000 por diretores tradicionais blocos cariocas.

Em função de uma série de reportagens que seriam publicadas pelo Jornal do Brasil naquele ano, diretores de blocos como o *Simpatia é Quase Amor* e *Escravos da*

Mauá se reuniram no Bip Bip, bar e reduto de boêmios em Copacabana. Daí, formou-se o primeiro grupo organizado do Carnaval de rua nos anos que se seguiram a Ditadura.

Esta associação, de acordo com seu próprio site, “surgiu da necessidade de se encontrar, em conjunto, soluções que viabilizassem os desfiles que começavam a crescer, alguns com mais de dez mil foliões. Patrocínios, negociação com fornecedores, estratégia de segurança para os foliões e organização de trânsito eram algumas das dificuldades enfrentadas por todos” (IN: <http://www.sebastiana.org.br/sebastiana/conheca.html>).

Atualmente, é formada por doze blocos: Bloco da Ansiedade (Laranjeiras), Bloco do Barbas (Botafogo), Bloco das Carmelitas (Santa Teresa), Bloco de Segunda (Botafogo), Bloco Virtual (Ipanema), Escravos da Mauá (Centro), Gigantes da Lira (Laranjeiras), Imprensa que eu Gamo (Laranjeiras), Que Merda é Essa? (Ipanema), Simpatia é Quase Amor (Ipanema) e Suvaco do Cristo (Jardim Botânico).

Podemos elencar as seguintes características como comuns a todos os blocos: existência de bandeira ou estandarte e porta-bandeira e mestre-sala, carro de som, samba autoral e camisa com tema que muda a cada ano (que, em geral, aludem à cena política ou social do momento), ausência de cordas e área VIP e baterias com cerca de cinquenta músicos fixos cada.

Nesta associação, considera-se que blocos de rua sejam “um tipo de cortejo carnavalesco em que pessoas de todas as idades seguem cantando e dançando ao som de um samba e no ritmo da bateria, por um trajeto previamente definido. Totalmente livres, os blocos têm suas características individuais, sua bandeira, suas cores, sua temática, sua camisa. Mas não exigem, em hipótese alguma, que os foliões vistam sua camisa ou qualquer outra fantasia para desfilar. Nos blocos vai quem quer e como pode. Para os integrantes da Sebastiana, os blocos de rua do Rio precisam manter as características originais do carnaval da cidade: democracia, participação popular e de todos, ausência de cordas e áreas vips para foliões, abadás ou exigência de fantasias.” (IN: <http://www.sebastiana.org.br/sebastiana/conheca.html>).

Desta definição, uma questão principal me chama a atenção: estabelecer que os foliões dançariam “ao som de um samba”. Ora, o Bloco da Ansiedade, um de seus componentes, é, basicamente um bloco de frevo. Além disso, cada vez mais surgem blocos emplacando novos (e inusitados) ritmos no carnaval.

3.2.2 – Folia Carioca

A Folia Carioca, Associação Carioca de Blocos e Bandas foi criada em 2009. Reúne, atualmente, treze blocos e duas bandas, embora, em 2010 (ano em que recebeu uma Moção de Aplausos, Louvor e Congratulações da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) reunisse vinte e três blocos.

Suas agremiações, que desfilam entre a Zona Sul, a Zona Portuária e a Tijuca, são: Bloco Areia, Bloco Bafafá (do qual Ricardo Rabelo também é presidente), Banda da Rua do Mercado, Banda da Sá Ferreira, Bloco dos Impussivi, Boca que Fala, Boêmios da Lapa, Cordão do Prata Preta, Desculpa pra Beber, Empolga às Nove, Largo do Machado, mas Não Largo do Copo, Quem Num Guenta Bebe Água, Se me der, Eu como, Volta Alice e Voltar pra quê?.

Tem o propósito de formular um projeto de carnaval para o Rio: “Porque o crescimento do carnaval de rua do Rio foi muito rápido. De repente, o que ocorreu é que foi se criando um gigantismo, sem infraestrutura adequada para isso”, disse o presidente Ricardo Rabelo ao site da Empresa Brasil de Comunicação¹⁹. E, ao destacar que somente a partir dos últimos quatro anos a Prefeitura tenha começado a organizar os blocos, completou: “A associação foi meio que artífice disso, porque nós sempre pressionamos no sentido de que o Poder Público se engajasse, mergulhasse no carnaval de rua. E deu certo. Hoje, nós temos um carnaval de rua no Rio de Janeiro com 6 milhões de foliões, duas vezes o carnaval de Salvador”.

Em 2011, ele propôs para a Prefeitura do Rio de Janeiro que o custo dos direitos autorais das músicas tocadas no carnaval de rua fosse pago pelo patrocinador da festa (a AmBev, através da Cerveja Antarctica). Ele defende que essa despesa seja incluída no caderno de encargos, com uma taxa única. Em entrevista publicada no O Globo em 09/02/2011, declarou: “Os blocos são uma manifestação espontânea sem fins lucrativos e sem pagamento de ingresso. A grande maioria não tem patrocínio. A cidade só lucra com o carnaval de rua e, por isso, devia também arcar com o custo”. Representantes do Cordão do Boitató e do Vem ni mim que sou Facinha engrossam esse coro. Sem patrocínio, os blocos só arrecadam dinheiro com a venda de camisetas e eventuais shows; o resto acaba sendo pago pelos próprios integrantes.

Já em relação ao Decreto N° 37.182 (Anexo III), que dispõe sobre a criação da “Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua” na cidade do Rio de Janeiro, Ricardo Rabelo publicou, em 21 de maio deste ano, a seguinte nota no site de sua associação: “A Folia Carioca – Associação Carioca de Blocos e Bandas que reúne 15 agremiações que mobilizam em torno de 150 mil foliões, apenas questiona que no decreto 37182 (20/05/2013), esteja prevista a participação de apenas DUAS entidades representativas de blocos. Isto porque existem quatro associações representativas: Folia Carioca, Amigos do Zé Pereira, Sebastiana e Liga de Blocos e Bandas da Zona Portuária. A comissão só terá legitimidade se incluir as quatro entidades. Esperamos que este equívoco seja corrigido. Até o momento não fomos procurados para tratar deste assunto. É importante salientar que o carnaval de rua carioca não deve ser engessado. Defendemos ainda que a Prefeitura não divulgue ostensivamente a agenda dos blocos pois tal publicidade tem aumentado o fluxo de foliões nas agremiações.”.

Falar sobre o engessamento do carnaval é muito importante. E questionar a Prefeitura sobre a divulgação ostensiva da agenda de blocos é outro ponto relevante, uma vez que a própria Prefeitura, junto com a mídia, é uma das principais críticas em relação aos impactos causados pela multidão arrastada pelos blocos. Esta contradição entre controle e divulgação por parte da Prefeitura merece, no entanto, ser revista, uma vez que ela é o que cria o imaginário do Rio de Janeiro como cidade com vocação para receber megaeventos.

A reciclagem de materiais é outra das preocupações dos componentes da associação: são patrocinados por uma empresa multinacional do setor de bebidas e contam o apoio de uma cooperativa de catadores. Assim, se empenham para recolher todo o material reciclável que fica após a passagem de cada bloco.

3.2.3 – Amigos do Zé Pereira

Criada em 2013 pelo produtor Rodrigo Rezende e apadrinhada pelo Cordão do Bola Preta, a Liga Carnavalesca Amigos do Zé Pereira é composta por nove blocos e está inserida no Projeto Carnaval + Rio, que, de acordo com o próprio site da liga, “através de patrocínio, propicia melhor estrutura, segurança, limpeza e conforto para os

foliões, durante os desfiles.”

"Nosso objetivo é mostrar a diversidade do carnaval carioca e estimular os blocos a se profissionalizarem sem perder a característica descontraída, típica do carnaval de rua carioca. Queremos realizar um carnaval democrático e de livre circulação, sem a venda de camarotes, "abadás" ou locais privilegiados", declarou o autor do projeto Rodrigo Rezende em entrevista ao jornal O Dia³¹.

Integram a Liga: *Céu Na Terra* (Santa Teresa), *Quizomba* (Lapa), *Vagalume* (Jardim Botânico), *Laranjada* (Laranjeiras), *Super Mário Bloco* (Santa Teresa), *Exalta Rei* (Centro), *Toca Rauuul!* (Centro), *A Rocha* (Gávea) e *Rancho Flor do Sereno* (Copacabana), Além disso, fazem parte do Projeto Carnaval + Rio os blocos: *Último Gole* (Jardim Botânico), *Escangalha* (Gávea), *Vira lata* (Leblon) e *Me Beija que eu sou cineasta* (Gávea).

3.3 – O crescimento do Carnaval

Todas essas medidas de implantação de decretos (por parte da Prefeitura) e criação de associações (por parte dos blocos) são demandas naturais da grande festa que o carnaval de rua se tornou. Este crescimento, por sua vez, não tem uma causa única e estabelecida.

Leonardo Campos, da *Orquestra Voadora*, considera a retomada do carnaval como um “movimento natural cíclico”, atribuindo sua causa a blocos como *Céu na Terra* e *Cordão do Boitatá* e ressaltando blocos como o *Cordão da Bola Preta*, que “sempre mantiveram o movimento vivo”. Mônica Leme, do bloco *Mulheres de Chico*, vai além, dizendo que “o carnaval de rua do Rio começou a dar o ar de sua graça novamente a partir do sucesso do *Monobloco*, que imprimiu um novo modelo de carnaval carioca. Dez anos antes, o *Simpatia* já estava renovando esse carnaval, mas foi o *Monobloco* que trouxe o modelo de folia pelas ruas, com organização, repertório tradicionalmente de carnaval aliado à MPB em geral (com ritmos diversificados) e uma visão empresarial, associados à idéia de arregimentar jovens que aprenderam a tocar em suas oficinas”.

³¹ Entrevista publica em 01 de fevereiro de 2013 em <http://odia.ig.com.br/porta/o-dia-na-fofia/liga-carnavalesca-amigos-do-z%C3%A9-pereira-promete-estrear-em-grande-estilo-1.543068>

CONCLUSÃO

Desenrolando a Serpentina³²

Assim como qualquer manifestação cultural, o carnaval de rua passou por diversas modificações desde o seu surgimento. Reconfiguração urbana da cidade, aumento populacional e políticas públicas, são fatores que influenciam diretamente na festa carnavalesca. Mas até hoje, diversidade, informalidade e espontaneidade, bem como alegria e diversão, são marcas do nosso carnaval de rua. Além da democratização, pois nos blocos do carnaval carioca, entra e dança quem quer.

Aqui não há as cordas e abadás do carnaval baiano, por exemplo. E o carnaval surge, então, como um momento de insubordinação, onde é possível realizar a busca por uma sociabilidade nem sempre possível. Principalmente em uma grande cidade cuja política tende a ser, cada vez mais, voltada aos interesses mercadológicos de grandes empresas e organizações.

Portanto, desde a segunda metade da década de 1980 (com o fim da Ditadura Militar) e, principalmente, nos últimos dez anos, foram muitas as mudanças desta manifestação cultural. Após longo período de decadência, houve uma nova ascensão do carnaval e, a cada ano que passa, mais blocos surgem. Apesar disso, ainda existem poucos estudos acadêmicos acerca de tal objeto.

Não há, atualmente, mais a diferença entre as agremiações carnavalescas que saem às ruas, como já houve no passado. Está na rua, é bloco de carnaval. Considero

³² Evento organizado pela Sebastiana – Associação Independente de Blocos de Carnaval de Rua da Zona Sul, Santa Teresa e Centro da Cidade do Rio de Janeiro que objetiva debater temas pertinentes ao carnaval de rua contando com a participação de blocos, poder público e sociedade civil.

que os blocos, atualmente, podem ser definidos como grupos musicais que requerem o mínimo de organização e que se concentram e/ou desfilam em algum ponto da cidade. Eles agregam, para além da multidão de foliões (cuja maioria sai fantasiada), muitos vendedores ambulantes e demandam organização e fiscalização por parte dos órgãos públicos. Interferem diretamente em questões como trânsito e interdição de vias, funcionamento de transportes públicos, preservação de patrimônio público e turismo.

Percebemos que os blocos tem perfis cada vez mais variados. Existem blocos de todos os tamanhos: há aqueles que arrastam milhões de pessoas e aqueles que reúnem grupos de amigos apenas. Isso se dá pela multiplicidade de tendências. Os blocos, hoje, adotam lógicas da contemporaneidade: diversidade cultural, múltiplas bandeiras, questões mercadológicas.

A questão musical também é bem diversa: há os que tocam apenas o samba do ano da agremiação, os que tocam famosos sambas-enredo, outros que executam as tradicionais marchinhas e os que inovam nos ritmos (o que vai da música brega ao rock). Há blocos que desfilam, outros que concentram e não saem, uns com baterias próprias, outros com ritmistas das grandes escolas de samba...

Tamanha variedade garante inúmeras opções de folia popular. E muitos e muitos temas para debates e estudos acadêmicos.

Por isso, meu interesse, enquanto produtora cultural, de pensar questões como a conjuntura da revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro e a relação que os blocos podem/devem manter com a cidade em todos os níveis.

Aqui, o objetivo foi muito mais o de provocar a reflexão em cima destas questões, do que propriamente definir uma diretriz exata para elas. Até porque, tudo é processo e, tanto os blocos carnavalescos quanto a cidade estão em constante transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Huitec; Brasília: Ed.UnB, 1996.

BARBOSA, Marialva. **Imprensa poder e público**. 1996. Tese (Doutorado) – ICHF, UFF, Niterói, 1996.

_____. **Os donos do Rio, imprensa e poder público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, FAPERJ, 2000.

CARVALHO, José Jorge. **Espetacularização e canabalização das culturas populares**. In: www.revistaufpe.br/revistaanthropologicas

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 1988.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 1994.

_____. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 147, out./dez., 2011.

_____. Maria Isaura Pereira de Queiroz, seu gosto pela cultura popular e o estudo do carnaval. **ABA**, out., 2002. Mimeografado.

_____. **Onde a cidade se encontra: o desfile das Escolas de Samba no Rio de Janeiro**. 1993. Tese (Doutorado) – PPGAS, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

_____. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. Roberto da Matta, o carnaval e a interpretação do Brasil. In: **O BRASIL**

não é para principiantes: carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

COSTA, Haroldo. **Cem anos de carnaval no Rio de Janeiro.** São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia:** uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

DINIZ, André. **Almanaque do samba:** a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. 2 ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

DUTRA, Anésio Pereira. **Ranchos:** estilo e época: contribuição ao estudo dos ranchos no carnaval carioca. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, INEPAC, 1985.

EFEGÊ, Jota [João Ferreira Gomes]. **Figuras e coisas do carnaval carioca.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

ENEIDA. **História do carnaval carioca.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

FERREIRA, Felipe. **Do jeitinho carioca.** Disponível em: www.bafafa.com.br

FREITAS, Ricardo Ferreira. Folia, mediações e megaeventos: breve estudo sobre as representações do Carnaval 2010 nos jornais cariocas. **Dossiê.** Edição 9, Janeiro, junho 2011. Disponível em: www.usp.br/rumores

GONÇALVES, Renata de Sá. **Os ranchos pedem passagem:** o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de

Informação, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006

_____. “Notas sobre a desconstrução do popular”. **Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LINHARES, Rodrigo. Centralidades do carnaval paulistano. In: **Histórica Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**. Disponível em: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1951.

MARQUES, Márcio. A revitalização do carnaval de rua do Rio de Janeiro. In: **Revista Eletrônica Jovem Museologia: Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio**. N. 1, 2006. Disponível em: www.unirio.com.br/jovemmuseologia

MIGUEZ, Paulo. Algumas notas sobre a economia do carnaval da Bahia. In: **Políticas Culturais: reflexões e ações**. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.

MOTTA, Aydano André. **Blocos de rua do carnaval do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Réptil, 2011.

O GLOBO. Caderno Especial de Carnaval. Publicado em 09 de janeiro de 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. **Ciência e Cultura**. São Paulo, 1984. P.893-909.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Do entrudo às escolas de samba: a ocupação do espaço das ruas pelo carnaval carioca. In: MARTINS, Ismênia de Lima; SÁ, Rodrigo Patto de. (Org.). **História e cidadania**. São Paulo: Humanitas, USP-FFLCH, ANPUH, 1998, 2v.

STUDART, Guilherme. **O carnaval de rua carioca**. Disponível em:
www.bafafa.com.br

VELHO, Gilberto (Org.). **O desafio da cidade**: novas perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

VELLOSO, Monica Pimenta. **A cultura das ruas**. Rio de Janeiro: FCRB, 2002.
Relatório. Mimeografado.

<http://odia.ig.com.br/portal/o-dia-na-fofia/liga-carnavalesca-amigos-do-z%C3%A9-pereira-promete-estrear-em-grande-estilo-1.543068>

<http://www.sebastiana.org.br/sebastiana/conheca.html>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2013/noticia/2013/02/apos-publico-recorde-prefeito-do-rio-anuncia-reducao-de-blocos-para-2014.htm>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2013/noticia/2013/02/apos-publico-recorde-prefeito-do-rio-anuncia-reducao-de-blocos-para-2014.html>

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2012/03/05/lennon-raul-wando-o-rei-434648.asp>

APÊNDICE I

ENTREVISTA RESPONDIDA VIA E-MAIL POR LEONARDO CAMPOS, DA ORQUESTRA VOADORA, EM 18 DE MAIO DE 2011

1 - Por quê decidiram montar um bloco?

Leonardo Campos: “Nós nos conhecemos e nos encontrávamos em vários carnavais seguidos tocando em outros blocos como Boitolo, Céu na Terra, Songoro Cosongo, Maria Farinha, Brejeiro, etc. No carnaval de 2008, o Tiago (trompetista) foi encarregado por uma amiga de juntar músicos para tocar no aniversário dela e convocou estes amigos de carnaval. Na ocasião, combinamos de nos encontrar para formar um grupo que tocasse o ano inteiro e não só as marchinhas de carnaval.”

2 - Quais as especificidades / características do seu bloco? (Ex: política, humor, resgate, memória, tradição, etc...)

Leonardo Campos: “A principal é a liberdade do repertório, que não está preso às marchinhas tradicionais. Nossa execução vigorosa também é uma característica marcante. Possibilidade de tocar em praticamente todos os lugares é outra. Independência política, outra.”

3 - Como é escolhido o repertório do bloco? Quem e quantos são os fundadores do bloco?

Leonardo Campos: “Os fundadores são os que estavam no primeiro ensaio, uma festa na casa do Juba (trombonista), em 23 ou 24 de fevereiro de 2008. Só que a festa estava lotada de gente, um calor absurdo, verdadeiro caos divertidíssimo. Dos que tocam hoje na banda, estávamos Juba e eu (Leo) dos trombones, Tiago, Daniel e Sérgio dos trompetes, André, Hugo, Lula e Marcelo da percussão. Não tenho certeza se o André do saxofone estava.”

4 - Os integrantes participam de outros blocos?

Leonardo Campos: “Todos tocam em outros blocos e quase todos tocamos juntos no Boitolo, que participamos juntos, sem saber, desde o início do bloco.”

5 - O bloco tem camisetas?

Leonardo Campos: “Tem. Mas não é uniforme.”

6 - Há quanto tempo o bloco existe?

Leonardo Campos: “Há 3 anos, desde fevereiro de 2008. Ensaivamos no Curvelo e depois fomos pro MAM. Quem ouvia gostava da gente e começamos a fazer shows. Somos 15 na banda (4 trombones, 4 trompetes, 5 percussões, 1 saxofone e 1 tuba). Como ensaiávamos na rua, sempre chegava gente querendo tocar junto e passamos a ter duas formações: a banda e o bloco. A banda, que já é grande suficiente para fazer o papel de bloco, são os 15 que falei acima. O bloco é a banda mais o pessoal que ensaia conosco. Mais ou menos 40 músicos no último carnaval.”

7 - Para vocês, qual a razão do crescimento do Carnaval de Rua no RJ? A que se deve essa retomada?

Leonardo Campos: “Acho que é um movimento natural cíclico. Entendo que a retomada começou com o Céu na Terra e o Cordão do Boitatá alguns anos antes de nós. Mas o Bola Preta e outros blocos de rua sempre mantiveram este movimento vivo.”

8 - Atualmente, muitos blocos saem de manhã cedo na tentativa de não encher tanto. Porém, blocos que fazem isso continuam bastante cheios. Achar que sair em horários menos convencionais é válido?

Leonardo Campos: “O bom de sair cedo é que só vai quem quer muito. O clima é diferente. E as pessoas não estão ainda tão doidas. Mas tem o ônus de acordar cedo... Sair no fim de tarde é mais confortável neste sentido, mas por outro lado, as pessoas já chegam doidonas, a possibilidade de confusão e brigas é maior...Mas achamos que tudo é válido, o importante é que tenha acontecimento o tempo todo!”

9 - Não divulgar nada ou divulgar o horário errado de saída do bloco deixa o bloco mais vazio? Acha isso certo com quem quer prestigiar o bloco? Aliás, é possível não divulgar horário? Tendo em vista que há uma grande divulgação boca-a-boca e via redes sociais.

Leonardo Campos: “Não somos adeptos desta prática. Aliás, nem sei se ainda se faz isso, já que temos que pedir autorização à Prefeitura para desfilar e lá tem que constar todos os horários. Podemos fazer apresentações surpresa, sem qualquer aviso. Mas nunca avisaremos horário errado.”

10 - Fazem parte da SEBASTIANA? Achrom importante a existência de associações deste tipo?

Leonardo Campos: “Já tocamos em eventos da SEBASTIANA, mas não somos associados. É muito importante a existência desta e outras associações, principalmente agora que a administração pública está tentando organizar o carnaval de rua. O pessoal do Céu na Terra tem a idéia de formar uma associação de blocos acústicos, do qual faríamos parte.”

11 - Relação com a Prefeitura e outros órgãos oficiais (principalmente depois do Choque de Ordem). Criticas em relação a novas regras: até que ponto acham que a Prefeitura deve interferir e controlar? E a infraestrutura básica (principalmente banheiros químicos e controle de trânsito) tem sido suficiente?

Leonardo Campos: “Esta é uma questão polêmica até entre nós. Alguns acham que a manifestação cultural, ainda mais no carnaval, não deve ser regrada. Outros entendem que é necessário respeitar o direito de quem não quer fazer parte da festa. Pessoalmente, acho importante que se respeite o direito de todos, os que querem fazer festa e os que não querem. Acho também que com a experiência, a administração pública está no caminho de manter a ordem com equilíbrio e inteligência, pois assim que surgiu o “Choque de Ordem”, parecia que o comando estava nas mãos das pessoas mais idiotas do mundo! Rebocavam até bicicleta presa em poste! Pararam uma apresentação nossa na praia de Ipanema, que estava fechada por ser domingo e não atrapalhava ninguém, muito ao contrário. Na ocasião, a polícia e a prefeitura tomaram a vaia mais linda que já vi. Mas acho que está melhorando. Este ano, nosso carnaval foi ótimo! Tinha até banheiro químico! Ano passado, além de não ter e a guarda municipal quase nos impedir de desfilar por isso, ainda proibiram os ambulantes de vender bebida no dia que parecia ter sido o mais quente da história! Como este ano foi tudo melhor, inclusive o tratamento com os representantes da administração pública, acho que está melhorando.”

12 - Proliferação dos blocos: é a favor de que algo seja feito para diminuir isso? O que acha da resolução da Prefeitura de remanejar alguns blocos para outras áreas? Qual deve ser o parâmetro para que isso seja feito?

Leonardo Campos: “Somos totalmente a favor da proliferação dos blocos e contra qualquer medida que vá contra isso. Acho que a interferência da Prefeitura deve ser

feita com cuidado para não atrapalhar a espontaneidade e alegria, bem como os foliões alegres e espontâneos devem ter bom senso e respeito a quem não quer participar da festa. Acho que o parâmetro deve ser a tradição dos blocos, antiguidade e locais que não causem transtornos à circulação.”

13 - Qual a motivação para ter criado um bloco de Carnaval? E porque acha que surgem tantos novos?

Leonardo Campos: “A motivação foi aquela da pergunta nº 1. Os novos surgem porque é muito bom e fácil criar um bloco. Basta ter uma idéia, juntar os amigos e pronto. Já é um bloco! Eu queria fazer um bloco de assovio e palmas. Outro de silêncio.”

14 - Como o bloco se mantém financeiramente durante o ano?

Leonardo Campos: “No nosso caso, somos uma banda/bloco que se apresenta o ano todo e muitas destas apresentações são remuneradas. Mas antes, isso não era questão, pois não tínhamos despesas.”

15 - São considerados os melhores blocos aqueles que, dentre outras coisas, não ficam tão lotados. Como lidar com este paradoxo, uma vez que querem fazer sucesso?

Leonardo Campos: “Eu acho os melhores os que têm boa música, originalidade, alto astral, dentre outras. E nossa intenção principal não é fazer sucesso, mas sim nos divertirmos com ótima música. Sucesso é consequência.”

APÊNDICE II

ENTREVISTA RESPONDIDA VIA E-MAIL POR MÔNICA LEME, DO BLOCO MULHERES DE CHICO, EM 26 DE MAIO DE 2011

1 - Por quê decidiram montar um bloco?

Mônica Leme: “O Bloco foi idéia das cuiqueiras Vivian Freitas e Glauca Cabral. Elas estavam brincando o carnaval e em uma conversa de boteco pensaram “vamos fazer um bloco só de fãs do Chico Buarque, que só toquem músicas dele?”. Depois, para por em prática a idéia, as duas reuniram batuqueiras vindas de outros blocos (Monobloco, Bangalafumenga, Kizomba, Empolga às 9, entre outros), fizeram testes para cantoras, etc, e começaram a ensaiar, sob a direção musical de Flavia Costa.”

2 - O repertório muda a cada Carnaval? Como é escolhido?

Mônica Leme: “Hoje o bloco não toca apenas no carnaval. O Dia D (do “desfile”) é o dia mais importante, quando todas as integrantes tocam juntas na praia do Leblon. Mas a banda faz shows durante todo o ano, tendo formações variadas entre 13 e 18 integrantes, dependendo do palco e do evento. O MDC vem fazendo shows por todo o país e negocia tocar fora.”

3 - Quem e quantos são os fundadores do bloco?

Mônica Leme: “Acho que já respondi.”

4 - Os integrantes participam de outros blocos?

Mônica Leme: “algumas ainda tocam no Monobloco, no Bangalafumenga, no Empolga, na bateria de Escolas de Samba como a Rocinha e Mangueira.”

5 - Os foliões saem fantasiados?

Mônica Leme: “No carnaval sim. Principalmente no Dia D.”

6 - Há quanto tempo o bloco sai?

Mônica Leme: “O primeiro desfile foi em 2007, ainda precário, quase amador. Mas a partir de 2008 o bloco se profissionalizou pra valer. Portanto são 5 anos.”

7 - Como avalia a mudança de lugar para concentração do bloco no Carnaval deste ano?
Mônica Leme: “Ótima. A sugestão foi da Riotur e adoramos pois nosso público cresceu muito.”

8 - Para vocês, qual a razão do crescimento do Carnaval de Rua no RJ? A que se deve essa retomada?

Mônica Leme: “Essa é minha opinião, que muitas pessoas compartilham. O carnaval de rua do Rio começou a dar o ar de sua graça novamente a partir do sucesso do Monobloco, que imprimiu um novo modelo de carnaval carioca. Dez anos antes, o Simpatia já estava renovando esse carnaval, mas foi o Monobloco que trouxe o modelo de folia pelas ruas, com organização, repertório tradicionalmente de carnaval aliado à MPB em geral (com ritmos diversificados) e uma visão empresarial, associados à idéia de arregimentar jovens que aprenderam a tocar em suas oficinas. Das oficinas do Mono saíram vários “filhotes”, que a cada dia crescem mais.”

9 - Atualmente, muitos blocos saem de manhã cedo na tentativa de não encher tanto. Porém, blocos que fazem isso continuam bastante cheios. Acha que sair em horários menos convencionais é válido?

Mônica Leme: “Sim, pois permite que as pessoas brinquem folgadoamente.”

10 - Não divulgar nada ou divulgar o horário errado de saída do bloco deixa o bloco mais vazio? Acha isso certo com quem quer prestigiar o bloco? Aliás, é possível não divulgar horário? Tendo em vista que há uma grande divulgação boca-a-boca e via redes sociais.

Mônica Leme: “Deixa mais vazio, mas não acho correto divulgar o horário errado. Não divulgar o horário é possível, mas difícil, pois o boca a boca acaba vazando. Mas muitos dirigentes de blocos tentam. Acho que a orla é o circuito viável para os próximos anos. Não dá para não querer encher ruas como as de botafogo e Laranjeiras. São bairros de ruas estreitas e pequenas. Vide o Sargento Pimenta e o Volta Alice em 2011. Mas a Prefeitura para o ano está deslocando vários blocos da Zona Sul para o Centro.”

11 - Fazem parte da SEBASTIANA? Acha importante a existência de associações deste tipo?

Mônica Leme: “Não. O MDC tem uma política de independência, mas dialogando com os outros blocos e o poder público sempre. Procura ir às reuniões etc e tal.”

12 - Relação com a Prefeitura e outros órgãos oficiais (principalmente depois do Choque de Ordem). Críticas em relação a novas regras: até que ponto acham que a Prefeitura deve interferir e controlar? E a infraestrutura básica (principalmente banheiros químicos e controle de trânsito) tem sido suficiente?

Mônica Leme: “Relação é excelente. O MDC desfila com todos os documentos oficiais exigidos, respeitando a ordem pública, sempre dialogando com as associações de bairro (no caso a do Leblon), solicitando banheiros químicos e fazendo um “desfile” parado, que minimize os efeitos sobre o trânsito. No fim o saldo é positivo sempre. Nunca houve incidente sério, haja vista o público que comparece: várias gerações brincando juntas (avôs e avós com filhos e netos ao som do Chico).”

13 - Proliferação dos blocos: é a favor de que algo seja feito para diminuir isso? O que acha da resolução da Prefeitura de remanejar alguns blocos para outras áreas? Qual deve ser o parâmetro para que isso seja feito?

Mônica Leme: “Diminuir a proliferação acho difícil. Como conter a criatividade do pvo? Acho que é a única saída em alguns casos. Mas achamos que cada caso deve ser estudado em separado, respeitando a tradição e a longevidade dos blocos. O Monobloco decidiu ir para o Centro porque cresceu demais e isso viabiliza a festa. É uma atitude sensata e responsável. O MDC, por exemplo, desfila no Leblon por causa de Chico, afinal é por uma homenagem à sua obra que o bloco surgiu. E a julgar pelo desfile de 2011, que transcorreu na mais perfeita harmonia, acho que devemos permanecer por lá.”

14 - Qual a motivação para ter criado um bloco de Carnaval? E porque acha que surgem tantos novos?

Mônica Leme: “Gostar de tocar, de brincar. Pela tradição folia do Rio, que estava represada e liberou.”

15 - Como o bloco se mantém financeiramente durante o ano?

Mônica Leme: “O bloco faz shows por todo o ano e tira do cachê das integrantes uma parte para sua “caixinha”. Há Tb o lucro com a venda de camisetas do bloco, ecobags e CD. Gastos com estúdio de ensaio, transporte de instrumentos, técnico de som e rodie,

são pagos com essa verba. No desfile, quando o gasto é muito maior, procuramos apoio, patrocínios, etc.”

16 - São considerados os melhores blocos aqueles que, dentre outras coisas, não ficam tão lotados. Como lidar com este paradoxo, uma vez que querem fazer sucesso?

Mônica Leme: “Tem bloco para todos os gostos. Tem gente que curte a muvuca mesmo e outros que gostam de levar seus filhos pra brincar etc e tal. Ou seja, o tempo acabará de regular isso. Mas que é um paradoxo é.”

APÊNDICE III

ENTREVISTA RESPONDIDA VIA E-MAIL POR TERESA GUILHON, DO BLOCO ESCRAVOS DA MAUÁ, EM 19 DE JULHO DE 2011

1 - Por quê decidiram montar um bloco?

Teresa Guilhon: “Vários fatos foram convergindo para essa decisão, que acabou sendo quase natural: a experiência bem sucedida de outros blocos como o Simpatia é Quase Amor e o Suvaco do Cristo, no sentido de despertar o desejo de retomar as manifestações mais lúdicas do carnaval, a falta de espaços para a cultura no centro da cidade nos anos 90, a descoberta da história e do abandono da região portuária. Além disso, havia a vontade de um grupo de pessoas que trabalhavam juntas de fazer alguma coisa pela cidade, pois havia um clima grande de desânimo em relação ao Rio.”

2 - Quais as especificidades / características do seu bloco? (política, humor, resgate, memória, tradição, etc...)

Teresa Guilhon: “O traço mais marcante dos desfiles do bloco é o resgate da história e a preservação da memória da região portuária, inclusive através dos sambas.”

3 - Quem e quantos são os fundadores do bloco?

Teresa Guilhon: “Os fundadores oficiais do bloco são 9, que estão desde o primeiro desfile nas funções de organização e assumem até hoje grandes responsabilidades.”

4 - Os integrantes participam de outros blocos?

Teresa Guilhon: “Em geral sim, embora com diferentes graus de participação, pois o envolvimento com o carnaval de rua como uma manifestação maior que um só bloco acaba sendo mais forte.”

5 - Os foliões saem fantasiados?

Teresa Guilhon: “Não há nenhuma regra nesse sentido, mas há um estímulo, como em outros blocos, a que todas as tradições do carnaval sejam celebradas, incluindo o costume de se fantasiar, que ajuda no clima de alegria e irreverência.”

6 - Há quanto tempo o bloco desfila?

Teresa Guilhon: “19 anos, o primeiro desfile foi em 1993.”

7 - Para vocês, qual a razão do crescimento do Carnaval de Rua no RJ? A que se deve essa retomada?

Teresa Guilhon: “Em primeiro lugar, foi uma tentativa de obter espaço para uma forma de carnaval não comercial, como era nas origens da festa. Vários fatores contribuíram para o crescimento, desses destaco a retomada da própria vocação da cidade para a cultura e turismo e a formação de uma identidade carioca.”

8 - Atualmente, muitos blocos saem de manhã cedo na tentativa de não encher tanto. Porém, blocos que fazem isso continuam bastante cheios. Achar que sair em horários menos convencionais é válido? Como lidar com o excesso de público?

Teresa Guilhon: “O excesso de público, a princípio não configura um problema, se todos os que forem ao bloco tiverem de forma abrangente o objetivo comum de se divertir em paz, curtir boa música e encontrar gente animada. O Bola Preta e o Monobloco são uma prova disso.”

9 - Não divulgar nada ou divulgar o horário errado de saída do bloco deixa o bloco mais vazio? Acha isso certo com quem quer prestigiar o bloco? Aliás, é possível não divulgar horário? Tendo em vista que há uma grande divulgação boca-a-boca e via redes sociais.

Teresa Guilhon: “Não acho que seja uma questão de certo e errado, mas há maneiras mais inteligentes de se gerenciar um evento que envolve tanta gente como o carnaval de rua... Fazer parte do calendário do carnaval da cidade é muito bom, uma honra, não se pode querer fazer parte disso e não divulgar, mas a própria mídia pode ser bem mais construtiva, em vez de divulgar apenas os eventos pode orientar os foliões no sentido de que tudo aconteça na maior paz e ordem.”

10 - Fazem parte da SEBASTIANA ou alguma outra associação de blocos? Achar importante a existência de associações deste tipo?

Teresa Guilhon: “Sim, a Sebastiana da qual fazemos parte ou outras associações são uma ferramenta importante de diálogo com o poder público e as comunidades.”

11 - Como é a relação com a Prefeitura e outros órgãos oficiais (principalmente depois do Choque de Ordem)? Críticas em relação a novas regras: até que ponto acham que a Prefeitura deve interferir e controlar? E a infraestrutura básica (principalmente banheiros químicos e controle de trânsito) tem sido suficiente?

Teresa Guilhon: “Essa relação hj em dia se dá através da Sebastiana e ainda tem um longo caminho a percorrer para ficar satisfatória, mas pode se dizer que é uma construção de todos os envolvidos.”

12 - Proliferação dos blocos: é a favor de que algo seja feito para diminuir isso? O que acha da resolução da Prefeitura de remanejar alguns blocos para outras áreas? Qual deve ser o parâmetro para que isso seja feito? E porque acha que surgem tantos blocos novos?

Teresa Guilhon: “As manifestações culturais espontâneas tem sua própria dinâmica e não acho que haja necessidade de intervir, mas de melhorar a gestão sempre ouvindo todos os envolvidos construtivamente.”

13 - Como o bloco se mantém financeiramente durante o ano?

Teresa Guilhon: “Os desfiles do bloco tem o apoio da Sebastiana (via o seu patrocinador), somado à venda de camisetas do ano. As rodas de samba mensais tem o apoio da prefeitura no uso do espaço público e na infraestrutura de banheiros, palco e som. Nenhum artista ou produtor envolvido recebe por nenhum evento do Escravos da Mauá.”

14 - São considerados os melhores blocos aqueles que, dentre outras coisas, não ficam tão lotados. Como lidar com este paradoxo, uma vez que querem fazer sucesso?

Teresa Guilhon: “Os critérios para “sucesso” são muito relativos, para a comunidade Escravos da Mauá sucesso é poder ajudar a valorização da região portuária e seus moradores, fazendo isso através de eventos em que as pessoas se sintam felizes por estar ali.”

APÊNDICE IV

ENTREVISTA RESPONDIDA VIA E-MAIL POR DODÔ BRANDÃO, DO BLOCO SIMPATIA É QUASE AMOR, EM 23 DE JANEIRO DE 2012

1 - Por quê decidiram montar um bloco?

Dodô Brandão: “Todos eram muito jovens e engajados politicamente. Era a época das diretas. Meu irmão e amigos formaram a torcida Fla Diretas. A direta não veio, mas vontade de ir para rua continuou. Daí, para formar o bloco, foi um pulo.”

2 - Como é escolhido o repertório do bloco?

Dodô Brandão: “Todo ano abrem-se inscrições. Já existem alguns compositores tradicionais que sempre participam e também gente nova que quer ver seus sambas pelas ruas de Ipanema. Muita gente boa compõe ou já compôs para o Simpatia como, Noca da Portela, Lefê, Lenine, Aldir Blanc, Mariozinho Lago, Jorge Sábia, Leandro Fregonesi, etc.”

3 - Quem e quantos são os fundadores do bloco?

Dodô Brandão: “Difícil calcular, muita gente saiu, outros entraram em seguida. Aproximadamente 10.”

4 - Os integrantes participam de outros blocos?

Dodô Brandão: “Vamos a outros blocos amigos para nos divertir. Mas na organização, só no Simpa.”

5 - Há quanto tempo o bloco desfila?

Dodô Brandão: “27 anos.”

6 - Para vocês, qual a razão do crescimento do Carnaval de Rua no RJ? A que se deve essa retomada?

Dodô Brandão: “A retomada, além do motivo que te falei que juntou o pessoal após as diretas, o silêncio e o vazio nas ruas do Rio durante o carnaval. Só havia a Sapucaí. Mas nada. Os blocos tradicionais foram desfilar na Rio Branco, outros acabaram e nós ficamos órfãos. Principalmente na Zona Sul. O crescimento se deu pelo sucesso dos

blocos e pela forma democrática que é o carnaval carioca. Entra nos blocos quem quer. Não precisa de abada e nem pagar nada.”

7 - Atualmente, muitos blocos saem de manhã cedo na tentativa de não encher tanto. Porém, blocos que fazem isso continuam bastante cheios. Achar que sair em horários menos convencionais é válido?

Dodô Brandão: “Acho tudo válido, desde que respeitem os foliões. Os blocos que optaram por sair cedo e não divulgar o horário, sabem onde lhe aperta o calo!”

8 - Não divulgar nada ou divulgar o horário errado de saída do bloco deixa o bloco mais vazio? Acha isso certo com quem quer prestigiar o bloco? Aliás, é possível não divulgar horário? Tendo em vista que há uma grande divulgação boca-a-boca e via redes sociais.

Dodô Brandão: “Não divulgar o horário, ajuda a diminuir, sim. Mas, realmente, com as redes sociais ficou mais fácil do pessoal saber. Agora, mentir o horário, não acho certo.”

9 - Fazem parte da SEBASTIANA? Achar importante a existência de associações deste tipo?

Dodô Brandão: “Fazemos parte da Sebastiana. A associação ajuda muito na nossa organização, principalmente na relação com o poder público. Ainda mais para blocos grandes como o nosso.”

10 - Relação com a Prefeitura e outros órgãos oficiais (principalmente depois do Choque de Ordem). Críticas em relação a novas regras: até que ponto acham que a Prefeitura deve interferir e controlar? E a infraestrutura básica (principalmente banheiros químicos e controle de trânsito) tem sido suficiente?

Dodô Brandão: “Essa relação melhorou muito principalmente por parte do poder público que passou a entender o papel deles na folia e depois de perceber o sucesso dos blocos e a grande quantidade de turistas que passaram a vir para o Rio por conta disso (esse ano, a previsão de ocupação de hotéis é de 96%. Levando-se em conta que na Sapucaí vão caber em torno de 85 mil pessoas, conclui-se que quem lota os hotéis e restaurantes nessa época são os blocos). A prefeitura tem que se preocupar basicamente com o que diz respeito a infraestrutura. E isso, as vezes, implica em ter de deslocar ou proibir a saída de um ou outro bloco. Infelizmente.”

11 - Proliferação dos blocos: é a favor de que algo seja feito para diminuir isso? O que acha da resolução da Prefeitura de remanejar alguns blocos para outras áreas? Qual deve ser o parâmetro para que isso seja feito?

Dodô Brandão: “Nós que temos blocos, não nos sentimos muito à vontade para restringir outros. Mas temos de concordar que tudo tem limite. E esse limite é a própria cidade. Mas remanejar, achei bom, sim. O parâmetro principal é a identidade dos blocos com seus bairros. Você não pode deslocar o Simpatia para outro bairro. Ele é completamente identificado com Ipanema. Mas pode deslocar o bloco da Preta Gil que tem um sentido mais comercial e, portanto, pouca relação com o bairro. Além de ser gigante. Assim como aconteceu com o Monobloco, Sargento Pimenta, etc.”

12 - Porque acha que surgem tantos blocos novos a cada ano?

Dodô Brandão: “Porque bloco é muito bom, pular carnaval na rua passa um tremendo sentimento de liberdade e o sucesso do carnaval de rua carioca tem ajudado nisso.”

13 - Como o bloco se mantém financeiramente durante o ano?

Dodô Brandão: “No caso do Simpa, fazendo shows com a bateria. Em dezembro começamos a vender camisetas e contamos com patrocínio.”

ANEXO I

DECRETO N° 32664 DE 11 DE AGOSTO DE 2010

Dispõe sobre as normas e procedimentos para os desfiles de blocos carnavalescos no Município do Rio de Janeiro.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e, CONSIDERANDO a necessidade de melhor adequar as normas e procedimentos para autorização dos desfiles de blocos nos períodos pré-carnavalesco e carnavalesco, DECRETA:

Art. 1.º Considera-se período pré-carnavalesco os trinta dias anteriores ao sábado de Carnaval e período carnavalesco o compreendido entre o sábado de carnaval e o domingo seguinte ao sábado das campeãs.

Art. 2.º As autorizações para a realização dos desfiles de blocos, bandas e ensaios de escolas de samba competem à SETUR/RIOTUR, condicionadas ao parecer da CET-RIO e ao Nada a Opor das Coordenadorias das Áreas de Planejamento (Subprefeituras).

Art. 3.º Caberá à SETUR/RIOTUR consultar a CET-RIO sobre o percurso informado pelo requerente, objetivando a análise técnica pelo referido órgão, no que se refere ao impacto de trânsito, interdições de logradouros e demais questões previstas na legislação vigente.

Art. 4.º Em caso de necessidade de reforço de pessoal para a orientação e controle do trânsito, caberá ao organizador a complementação desta equipe, sob a orientação da CET-RIO.

Art. 5.º Havendo necessidade de colocação de faixas indicativas sobre interdições de logradouros, visando à orientação dos moradores, a responsabilidade será do organizador, sob a orientação da CET-RIO.

Art. 6.º Fica estipulado o prazo máximo de duas horas para a concentração do bloco, banda ou escola de samba e máximo de quatro horas para o desfile.

Art. 7.º Os representantes das bandas e blocos carnavalescos deverão protocolar os pedidos de autorização na SETUR/RIOTUR, no prazo fixado em portaria a ser divulgada pela SETUR/RIOTUR, munidos da seguinte documentação:

I. requerimento a ser preenchido conforme modelo a ser disponibilizado pela SETUR/RIOTUR;

II. cópia da carteira de identidade e CPF do responsável pela banda ou bloco e da documentação do bloco ou banda, quando houver.

Art. 8.º A SETUR/RIOTUR emitirá uma autorização preliminar ao requerente após análise da documentação e o cumprimento do disposto no Art. 2.º.

Art.9.º A SETUR/RIOTUR emitirá a autorização definitiva até a data fixada em portaria a ser divulgada no ano anterior ao desfile, após a juntada pelo organizador da documentação obrigatória abaixo indicada:

I – ciência às autoridades de segurança pública e defesa civil do Governo do Estado do Rio de Janeiro, quando aplicável, por meio de correspondência protocolada;

II – ciência à COMLURB, mediante de correspondência protocolada;

III – ciência à Secretaria Especial da Ordem Pública - SEOP, por meio de correspondência protocolada;

IV – demais exigências inerentes às peculiaridades de bairros e ruas, sempre a critério das Coordenadorias de Áreas de Planejamento (Subprefeituras).

Art. 10 Caberá à SETUR/RIOTUR a coordenação da operação logística dos desfiles, bem como a interação dos órgãos públicos envolvidos, promovendo encontros de trabalho com os órgãos abaixo indicados:

a) Coordenadorias das Áreas de Planejamento (Subprefeituras);

b) Companhia de Engenharia de Tráfego – CET-RIO;

c) COMLURB;

d) Secretaria Especial da Ordem Pública - SEOP;

e) Guarda Municipal – GM-RIO;

f) Coordenação de Controle Urbano;

g) Batalhão de Polícia Militar da área.

Art. 11 Caberá à SETUR/RIOTUR informar à Secretaria Municipal de Saúde – SMSDC a realização dos desfiles de blocos, bandas e escolas de samba, quando a previsão de público for superior a cinco mil pessoas, objetivando a determinação do hospital de referência por parte do referido órgão.

Art. 12 Caberá à SETUR/RIOTUR a responsabilidade pela divulgação do calendário de desfiles junto à mídia em geral e, em especial, por meio do site oficial da SETUR/RIOTUR.

Art. 13 No caso de exposição de marca de patrocinador em carros de som ou materiais para distribuição, tais como ventarolas, filipetas etc., esta deverá ser informada pelo

organizador no momento do pedido de autorização, cabendo ao patrocinador a regularização junto à Coordenação de Licenciamento e Fiscalização.

Art. 14 Caberá ao bloco a responsabilidade pelo recolhimento dos direitos autorais junto ao Escritório Central de Arrecadação – ECAD, quando houver.

Art. 15 O não cumprimento das normas por parte das bandas e blocos carnavalescos implicará no indeferimento do pedido para o carnaval do ano subsequente.

Art. 16 Caberá à SETUR/RIOTUR a competência para divulgar toda e qualquer modificação das normas e procedimentos para os desfiles de blocos carnavalescos no Município do Rio de Janeiro.

Art. 17 Fica revogado o Decreto n.º 30.659, de 7 de maio de 2009.

Art. 18 Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro 11 de agosto de 2010 ; 446º da fundação da Cidade

EDUARDO PAES

Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/24440>

ANEXO II

PORTARIA “N” Nº 112

DE 31 DE AGOSTO DE 2011

DIVULGA O CALENDÁRIO PARA OS PEDIDOS DE AUTORIZAÇÃO DE DESFILES DE BLOCOS, EMISSÃO DE AUTORIZAÇÃO PRELIMINAR E AUTORIZAÇÃO DEFINITIVA PARA O CARNAVAL 2012, COM BASE NO DECRETO Nº 32.664, DE 12 DE AGOSTO DE 2010.

O Diretor-Presidente da Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A. – RIOTUR, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais,

RESOLVE:

Art. 1º - Divulgar as datas dos pedidos de autorização, autorização preliminar e autorização definitiva, com base no Decreto nº 32.664, de 12 de agosto de 2010.

Art. 2º - Os representantes das bandas e blocos carnavalescos deverão protocolar os pedidos de autorização na Diretoria de Operações da RIOTUR, Praça Pio X, 119 – 12º andar, de 05 de setembro até o dia 30 de setembro de 2011, das 10 às 17 horas, munidos da seguinte documentação:

I – Requerimento a ser preenchido, conforme formulário disponibilizado pela SETUR/RIOTUR.;

II – Cópias da carteira de identidade e CPF do responsável pela banda ou bloco e da documentação do bloco ou banda, quando houver.

Art. 3º - A SETUR/RIOTUR emitirá, entre os dias 1º e 10 de dezembro de 2011, uma autorização preliminar ao requerente, após a análise da documentação e o cumprimento do disposto no Art. 2º do Decreto nº 32.664, de 12 de agosto de 2010.

Art. 4º - A SETUR/RIOTUR emitirá a autorização definitiva, entre os dias 09 e 19 de janeiro de 2012, após a juntada pelo organizador da documentação obrigatória abaixo indicada:

I – Ciência às autoridades de Segurança Pública e Defesa Civil do Governo do Estado do Rio de Janeiro, quando aplicável, por meio de correspondência protocolada;

II – Demais exigências inerentes às peculiaridades de bairros e ruas, sempre a critério das Coordenadorias de Áreas de Planejamento (Subprefeituras).

Art. 5º - Esta PORTARIA entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2011.

ANTONIO PEDRO FIGUEIRA DE MELLO

Diretor-Presidente

**R E Q U E R I M E N T O PARA REALIZAÇÃO DE DESFILES
DE BLOCOS E BANDAS CARNAVALESCAS**

ANEXO III

DECRETO Nº 37.182 DE 20 DE MAIO DE 2013

DISPÕE SOBRE A CRIAÇÃO DA "COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO DE BLOCOS DE RUA" NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais, e, CONSIDERANDO que o Carnaval de Rua da Cidade do Rio de Janeiro, caracterizado pelos desfiles de blocos carnavalescos de rua, vem se fortalecendo a cada ano e atraindo número cada vez maior de foliões;

CONSIDERANDO o surgimento de diversos "blocos" que não possuem as características típicas do Carnaval Carioca;

CONSIDERANDO a importância do Carnaval de Rua para a vida social e cultural da Cidade, típicos do jeito de ser e do modus vivendi da população da carioca;

CONSIDERANDO que é dever do Poder Público Municipal manter, apoiar e preservar as manifestações culturais representadas pelos Blocos de Rua; DECRETA:

Art. 1º Fica criada a Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua, que terá como objetivo avaliar as solicitações de desfiles de Blocos de Rua para o ano subsequente, tendo em vista os seguintes critérios de avaliação:

I - a tradição do Bloco de Rua;

II - as características do Bloco em relação ao Carnaval de Rua do Rio de Janeiro;

III - as características do Bairro/Região onde pretende desfilar o Bloco;

IV - a relação que o Bloco de Rua mantém com a localidade/comunidade;

V - o local de realização do desfile pretendido;

VI - a estimativa de público; e

VII - os possíveis impactos que possam interferir no dia-a-dia da localidade.

Art. 2º A Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua será formada por representantes dos seguintes órgãos:

I - Secretaria Municipal de Turismo - SETUR/RIOTUR;

II - Coordenadorias das Áreas de Planejamento (Subprefeituras);

III - Secretaria Municipal de Transportes – SMTR

- IV - Companhia de Engenharia de Tráfego - CET RIO;
- V - Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos - SECONSERVA;
- VI - Companhia Municipal de Limpeza Urbana - COMLURB;
- VII - Secretaria Municipal da Ordem Pública - SEOP;
- VIII - Guarda Municipal - GM-Rio;
- IX - Secretaria Municipal de Saúde - SMS;
- X - duas Entidades representativas dos Blocos e Bandas Carnavalescos, tendo em vista sua tradição e representatividade.

Parágrafo Único - As entidades mencionadas neste artigo terão o prazo de trinta dias, a contar da publicação do presente Decreto, para que indiquem à SETUR/RIOTUR os nomes de seus representantes, sendo um titular e um suplente.

Art. 3º A coordenação dos trabalhos da Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua será exercida pela Secretaria Municipal de Turismo - SETUR/RIOTUR.

Art. 4º A Comissão Especial de Avaliação de Blocos de Rua terá o prazo de sessenta dias, a contar do recebimento das inscrições para desfiles de Blocos de Rua, para a emissão de seus pareceres.

Art. 5º O período de inscrição para os Blocos de Rua será divulgado pela SETUR/RIOTUR, mediante a edição de Portaria específica, conforme o disposto no Decreto nº 32.664, de 12 de agosto de 2010, e previamente informado aos membros da Comissão.

Art. 6º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2013; 449º ano da fundação da Cidade.

EDUARDO PAES

Disponível em:

<http://www.leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2013/3718/37182/decreto-n-37182-2013-dispoe-sobre-a-criacao-da-comissao-especial-de-avaliacao-de-blocos-de-rua-na-cidade-do-rio-de-janeiro-e-das-outras-providencias-2013-05-20.html>